



UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

Profetizando às Mulheres: mídia *gospel*, gênero e política

JAMILLE NARCISO DOS REIS BEZERRA

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Profetizando às Mulheres: mídia *gospel*, gênero e política

JAMILLE NARCISO DOS REIS BEZERRA

Sob orientação da Prof^a Dr^a
Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para
obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**,
no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Área de concentração em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Setembro de 2018

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

B574p Bezerra, Jamille Narciso dos Reis, 1989-
Profetizando às Mulheres: mídia gospel, gênero e política / Jamille Narciso dos Reis Bezerra. - Rio de Janeiro, 2018.
94 f.: il.

Orientadora: Carly Barboza Machado.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. Empoderamento feminino. 2. Ordenamento. 3. Produção cultural. 4. Mídia gospel. 5. "Cultura evangélica". I. Machado, Carly Barboza, 1975-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JAMILLE NARCISO DOS REIS BEZERRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 04 / 09 / 2018

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação

Profª Drª Carly Barboza Machado – UFRRJ
(Orientadora)

Profª Drª Maria das Dores Campos Machado (UFRJ)

Profª Drª Raquel Sant'Anna da Silva (CEBRAP)



Emitido em 01/03/2021

TERMO Nº 204/2021 - PPGCS (12.28.01.00.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 02/03/2021 08:32)

CARLY BARBOZA MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)
Matricula: 1794090

(Assinado digitalmente em 10/03/2021 15:05)

MARIA DAS DORES CAMPOS MACHADO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 318.871.392-49

(Assinado digitalmente em 08/03/2021 09:47)

RAQUEL SANT'ANA DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 111.946.547-89

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número:
204, ano: **2021**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **01/03/2021** e o código de verificação: **c3ee2d7244**

RESUMO

BEZERRA, Jamille Narciso dos Reis. **“Profetizando às Mulheres”**: *mídia gospel, gênero e política*. 2018. 94p Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

O presente trabalho visa apresentar elementos que caracterizam a recente transformação discursiva e representativa no cenário religioso, mais precisamente no âmbito do empoderamento feminino deste setor. Questões acerca do “papel da mulher” dentro do segmento religioso, da família e em sua vida cotidiana têm sido discutidas como processos de ordenamento, disciplinamento e até podem ser compreendidas como uma educação comportamental. Quem são essas mulheres, como essa produção cultural tem sido organizada e como vem sendo viabilizada, são indagações que busco desdobrar ao longo desta dissertação trabalho. Esta pesquisa foi consolidada ao redor da esfera musical do *gospel*. Sob a perspectiva de novas formas da presença religiosa e o entrelaçamento com causas sociais, bem como a busca pelas demandas identitárias, esta investigação busca descrever um quadro micro de um movimento em escalas, onde ministérios articulam institucionalidades, a consolidação pentecostal na esfera pública, projetos sociais religiosos e seculares.

Palavras chaves: Empoderamento feminino, ordenamento, produção cultural, *mídia gospel* e “cultura evangélica”

ABSTRACT

BEZERRA, Jamille Narciso dos Reis. “Prophetising to Women”: Thoughts about gospel media, genre and politics. 2018. 94p. Dissertation (Master in Social Sciences). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

The present work seeks to find elements that characterise the late discursive and representative changes in the religious scenario, more precisely about female empowerment in this sector. Questions about “woman’s role” inside a religious group, family and in their daily lives have been discussed as processes of ordination, discipline and can even be understood as behavioral education. Who are these women, how this cultural production has been organized and turned feasible, are questions I seek to unfold through this communication. The subject observed is a music ministry that through audiovisual endeavours promotes evangelization and spreads an idea of personal and social healing. Under the perspective of new forms of religious presence and intertwinement with social causes, as the search for identity demands, this investigation enacts a micro framework of a movement in scales, where ministries articulate institutionalities, the pentecostal consolidation in the public sphere, religious and non-religious social projects.

Key words: Female empowerment, ordination, cultural production

LISTA DE FIGURAS

Figure 1 Imagem extraída do site Igreja Profetizando às Nações	10
Figure 2: Mapa do artista, gerado pelo filtro da matéria. Fonte: Folha Uol.....	28
Figure 3 Capa da Revista ABRAMUS	29
Figure 4 Banner oficial de divulgação.....	32
Figure 5: Banner oficial.....	37
Figure 6: Solenidade 2016, imagem extraída do vídeo	56
Figure 7: Devoção à Israel, imagem extraída do vídeo	59
Figure 8: "Bate-Papo". Fonte: Pleno News	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: MULHERES, MÚSICA <i>GOSPEL</i> E PASTORADO FEMININO	17
1.1 Mulheres evangélicas no Brasil	18
1.2 Mulheres e música <i>gospel</i>	21
1.2.1 Fé musicalizada e o mercado fonográfico	22
1.3 Fernanda Brum no meio <i>gospel</i> brasileiro	25
CAPÍTULO 2: EMPODERAMENTO DA MULHER EVANGÉLICA	32
2.1 A “Conferência Profetizando às Mulheres”	32
2.1.1 A conferência como projeto	36
2.2 Educação religiosa e ordenamento	40
2.3 Feminilidade: um feminismo evangélico?	44
2.4 A cura como questão: física, espiritual e emocional	50
CAPÍTULO 3: MINISTÉRIO RELIGIOSO E AÇÕES POLÍTICAS	56
3.1 Evangélicos na política	60
3.2 Mulheres Evangélicas e a Política (masculina) formal	66
CONCLUSÃO	73
Referência Bibliográfica:	76
ANEXO I	78
ANEXO II	89

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir elementos da recente transformação discursiva e representativa no cenário religioso evangélico, mais precisamente no que diz respeito ao “empoderamento feminino” deste setor. Noções como autonomia e empoderamento vêm sendo utilizados em diversos sentidos e neste campo observo o seu uso, bem como pertencimento, buscando dialogar com momentos do desenvolvimento dos movimentos feministas nacionais (Celi Pinto, 2010). Questões acerca do “papel da mulher” dentro do segmento religioso evangélico, da família, e em sua vida cotidiana têm sido discutidas como processos de ordenamento, disciplinamento e até podem ser compreendidas como uma educação comportamental. Quem são essas mulheres, como esse projeto tem sido organizado e como vem sendo viabilizado, são indagações que buscarei desdobrar ao longo desta dissertação.

O objeto em recorte observado é um ministério de música que através do empreendimento áudio visual promove evangelização e difunde um ideal de cura (individual e social). A cura é entendida como uma restauração, um resgate, seja no campo espiritual ou físico. O “Ministério Profetizando às Nações”, é liderado pela pastora e cantora Fernanda Brum e dissemina o incentivo ao sacerdócio feminino. É um projeto missionário cristão e, hoje de orientação pentecostal. O ministério orienta as/os fiéis e apresenta no conjunto de seu projeto diversas formas de atuação, através de: palestras, shows, livros, conferências, cultos, idas a programas televisivos, canal no Youtube, Facebook, Twitter, sites, entre outros. O objetivo deste trabalho é fornecer análises sobre os aspectos acionados pelo programa missionário/cultural dessa produção cultural através de dispositivos e linguagens utilizados neste projeto. Assumo como questão o modo como o papel dessas mulheres na sociedade vem sendo desenvolvido sob o molde de elementos do feminismo como ferramenta do pensamento contemporâneo.



Figure 1 Imagem extraída do site Igreja Profetizando às Nações

Fernanda Brum é casada com o produtor, músico e pastor, Emerson Pinheiro, tem um casal de filhos, Isaac Brum e Laura Brum. Em seu histórico de produção, consta uma autobiografia com sua história de vida, testemunhos, sua relação familiar, e também, seu histórico com diferentes denominações. Em sua trajetória de visibilidade e fama constam aparições em programas televisivos, como: Programa do Raul Gil (TV Bandeirantes), Programa da Eliana (SBT), Domingão do Faustão e Encontro com Fátima Bernardes (TV Globo) e algumas premiações.

Interesso-me pelas releituras e sentidos da posição da mulher em relação ao homem que vem sendo arranjadas neste ministério que sustenta uma determinada interpretação, onde a esposa está para o marido enquanto companheira que “*acata de maneira sábia*” as decisões do homem. Pretendo compreender a operação desta sabedoria que está sendo invocada ao dispositivo relacional de gênero e suas controvérsias. Neste “ministério”, encontro certa rejeição com o termo “feminismo”, mas a ideia de “empoderamento feminino” é utilizada com frequência.

Machado (2005), observa que é entre os evangélicos que se encontram as maiores taxas de fiéis do sexo feminino, oferecendo assim um rosto feminino ao pentecostalismo. A autora aponta para uma flexibilização da moral e dos costumes como uma revisão das

estratégias de recrutamento dos fiéis e das formas de atuação das lideranças religiosas, tanto no interior da denominação quanto na sua representação na sociedade mais ampla (2005: 388).

Estudos recentes sobre a distribuição de autoridade no interior das igrejas revelam a tendência de revisão dos constrangimentos à participação das mulheres na direção das comunidades pentecostais, destacando o crescimento do número de denominações com pastorado feminino e a multiplicação das igrejas fundadas por mulheres¹. Nesse sentido, cabe esclarecer que, embora a história do protestantismo indique a implementação do sacerdócio feminino no território brasileiro pela igreja pentecostal Evangelho Quadrangular em meados dos anos 1950, o impacto dessa iniciativa foi, entretanto, reduzido até os anos 90 do século passado, com pouquíssimas igrejas evangélicas adotando o pastorado feminino. Foi também nesta última década que surgiram novas estruturas eclesiais lideradas por mulheres. (MACHADO, 2005: 391)

Um elemento de questionamento encontrado no seio do Ministério Profetizando às Nações é a busca pela posição da mulher em lugares institucionalmente negados pela rigidez doutrinária do segmento religioso, o direito institucional reivindicado é uma questão central, com sentido variado em comparação a diferentes movimentos contemporâneos de mulheres evangélicas. Ao observar a história dos feminismos nacionais, por exemplo, pode-se encontrar uma diversidade de momentos e ondas que conduziram expressões e deliberaram a necessidade do enfrentamento; ora a questão da cidadania e do voto, ora a questão dos direitos reprodutivos, do divórcio e tutela dos filhos, ora as questões do papel social, representação/performance, opressão e violência de gênero, ora frente de combate à unidade de luta pela anistia e contra o regime ditatorial (Pinto, 2010; Machado, 2005, 2012). Mas, no que tange ao debate que diz respeito à relação de poder e o sistema dominante das hierarquias masculinas, pode ser notado o fato que os inúmeros movimentos e disputas enxergaram uma necessidade de virada real com o empoderamento das mulheres. Como desdobramentos destas ações, foi-se alcançando as reivindicações e posições de maneiras inovadoras. No cenário atual de avanços em políticas afirmativas e a institucionalidade dos direitos, temos políticas de direitos e do combate às violências de gênero, como a Lei Maria da Penha 11.340/06.

¹ Nos anexos apresento alguns exemplos do sacerdócio feminino na primeira metade do século passado.

Esta é uma relevância a ser observada nesta pesquisa: os circuitos de mediação promovidos pela atuação religiosa na esfera pública frente ao tratamento do “problema da violência”. A violência velada dentro de instituições protestantes tem sido problematizada e analisada por diferentes instâncias. Mas é importante ressaltar que esse tipo de mediação não é de hoje. Muitas das conquistas hoje institucionalizadas foram obtidas pelo conjunto e força de mulheres organizadas em partidos, coletivos da via campesina, centros eclesiais de base (CEB) (Machado, 2012). Associações ligadas a entidades religiosas promoveram debates e disseminação de informações à comunidade civil, lideranças atuantes que combateram as inúmeras expressões do sistema ditatorial que feria a dignidade humana. Podemos encontrar uma literatura considerável sobre a atuação da igreja católica como mediadora de problemas e conflitos sociais. A autora mostra como a noção de modernidade tem se desdobrado, contemplando as especificidades culturais e históricas das diferentes configurações sociais e enfrentando com o devido sucesso a participação de grupos religiosos na esfera pública, representantes da democracia liberal. Assim, nos processos distintos de modernização, há modernidades não seculares.

Atentando o olhar para um cenário mais recente, nota-se como o campo da relação entre violência e religião perpassa o problema do tráfico e questões como a marginalização dos espaços físicos da cidade. Sob a esfera da “condução das mentes”, bem como modos de governar a cidade e operar a gestão dos conflitos e das populações, busquei incorporar ao debate a questão do secularismo tolerante e democrático que encontra a religião como representante da esfera pública e como promotora de uma ideologia de Estado. Patrícia Birman (2012) se utiliza de uma metáfora, “a religião como cimento necessário de uma nação” onde a paz relacionada à espiritualidade busca ordenar as condutas da população.

Essa relação congrega o que a política e a violência separam, e a ideia de cimentar a sociedade está para o fortalecimento, ocupando o vazio das diferenças entre as partes. Observar como projetos religiosos atuam na esfera política, ordenando corpos e conduzindo mentes tem sido o esforço deste trabalho analítico. A relação entre religião, mídia, política e formação de subjetividades são questões que serão trabalhadas, bem como questões de poder, e também do mercado.

É importante destacar o modo de presença dos evangélicos, que não buscam apelar pela história ou tradição. Sua orientação está voltada para o futuro, buscando a construção de uma visibilidade (Giumbelli, 2014). Para o autor a sociedade não está sendo almejada

numa totalidade, mas através de ações que buscam a ocupação de posições. Esta presença é chamada de “cultura pública”, no sentido de remeter a algo a ser constituído.

A presente pesquisa apresenta uma análise que visa contribuir com estudos de mídia *gospel*, de gênero e de política. O movimento de mulheres evangélicas se aproxima ideologicamente a projetos internacionais (de direitos institucionais) de mulheres Islamitas e de mulheres das religiões africanas, permitindo o diálogo e o questionamento no que diz respeito às memórias culturais e religiosas que oprimem corpos femininos, globalizando o conflito e construindo um veículo de aproximação de temáticas antes distanciadas. Sob a perspectiva das novas formas da presença religiosa e o entrelaçamento visível com causas relacionadas à política e a busca pelas demandas identitárias, torna-se evidente a necessidade de investigações deste tipo de produção cultural e suas alianças institucionais. Encenando um quadro micro de um movimento em escalas, este Ministério articula institucionalidades, a consolidação pentecostal na esfera pública, projetos religiosos e seculares.

Buscamos voltar o olhar para uma “antropologia da mídia”, um estudo a partir da comunicação de massa que observa sistemas culturais, produção de sentidos que levam em consideração sociabilidades e processos de interação (Campanella e Martinelli, 2010). É um campo em desenvolvimento, e a interlocução entre antropologia e a comunicação vem enriquecendo ambas tradições.

Anderson (1983) argumenta que a mídia impressa, em articular os jornais, foi capaz de criar uma noção de comunidade imaginada em que seus membros compartilham não somente uma língua comum, mas também o conteúdo e o próprio hábito cotidiano dessa leitura. Ou seja, o indivíduo começava a se imaginar fazendo parte de uma comunidade nacional, com uma história e características culturais comuns – mesmo que ambas tivessem sido elaboradas num passado recente. Considerando a predominância do nacionalismo enquanto sistema político no século XX, nada mais natural para os antropólogos do que analisar meios de comunicação de massa na formação da estrutura política das sociedades em que investigam. (Campanella e Martinelli, 2010:4)

Os evangélicos, o movimento *gospel*, ou o movimento feminino evangélico, estão compondo esta análise enquanto parte de uma organização social projetada, com uma

história, características e traços culturais que foram desenvolvidos por reflexos do fenômeno de concentração populacional urbana brasileira (Cunha, 2007).

Os pentecostais romperam com a ‘tradição da hinologia protestante’, inserindo novos ritmos e estilos mais populares de canções, incluíram instrumentos de percussão, de sopro e compuseram melodias. Segundo Cunha, o *gospel* no Brasil tem raízes nos anos 50 e 60 do século XX. E a partir desse momento, uma linguagem através da mídia, começa a articular tradição, moralidade, ideologia, rituais e fé. A fé musicalizada e a comunidade *gospel* popularizou o campo protestante juntamente com essa produção de sentido no cotidiano.

Sendo o objetivo impulsionar as possibilidades do estudo sobre a mídia, as diversas práticas de mídia necessitam ser examinadas. As trajetórias nos ajudam a compreender como os meios de comunicação são incorporados na vida das pessoas, como são consumidos e produzidos. Nos auxiliam também na compreensão dos que se relacionam em universos discursivos, situações políticas, circunstâncias econômicas, configurações nacionais, momentos históricos ou fluxos transnacionais (Ginsburg; Abu-Lughod; Larkin, 2002). É sob a luz dos meios de comunicação que podemos investigar articulações de estratégias nacionais e transnacionais, processos de “imaginação” na produção de cultura e identidade no mundo contemporâneo.

Sendo assim, os meios de comunicação tem sido ferramentas para a hegemonização e transformação do social. A circulação de ideias e imagens nos circuitos transnacionais dos meios de comunicação não podem ser analisadas de forma separada da política, pois sempre há um projeto ideológico que compõe o percurso da tecnologia de mídia. A propriedade sensorial das tecnologias deve ser considerada e examinada em suas materialidades da comunicação entre as culturas.

Jeremy Stolow (2014), nos alerta para as mudanças expressivas que estão em curso no campo religioso, e compreende que essas devem ser entendidas igualmente como as transformações que ocorrem na vida social, política e econômica moderna, contudo, redefinem nossa compreensão de “mídia” em uma escala global. Para o autor, os novos movimentos religiosos vêm impactando as cenas sociais, por não se enquadrarem nos moldes da instituição religiosa e nas práticas “habituais” das doutrinas que dominaram por tantos anos a vida social. É inegável que ao longo dos últimos 30 anos, novas instituições, novas práticas e tecnologias de comunicação alteraram de forma radical

nosso mundo. Disseminaram novos meios de contato, coordenação e intercâmbio entre atores sociais, foi possibilitado viagens físicas ou virtuais, transmissão ampla ou seletiva, vigilância e afins.

É amplamente conhecido que uma sucessão de revoluções de mídia – desde o advento da câmera, do telégrafo, do telefone ou do fonógrafo, no século XIX, ao surgimento de satélites, redes de computadores e dispositivos móveis de nossa época – teve profundas e dramáticas consequências em todas as áreas concebíveis da vida social. (Stolow, 2014:148)

Esse impacto radical também aconteceu sobre os termos de identidade religiosa, de pensamento e prática em escala mundial. Os estudos de religião e mídia estão dialogando sobre o deslocamento do “lugar” da religião na vida contemporânea. Para o autor, construções culturais, imagens religiosas e figuras do discurso, noções de pertencimento transnacional e cidadania multicultural, tolerância e intolerância, hospitalidade e guerra, fé e confiança, são formas e questões que continuamente reorganizam práticas, processos e sistemas da mídia moderna. É através da mídia moderna que a “religião” se reifica e se espalha para além dos muros e obrigações “tradicionais”, assim se estruturam no espaço público do nosso mundo global.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de análises e observações obtidas em campo. O levantamento etnográfico foi feito ao longo de três anos aproximadamente, além dos anos da pesquisa presente para esta dissertação, meu trabalho de conclusão de curso no bacharel, em 2015, me permitiu dar os primeiros passos sobre este olhar. Buscando observar a presença das mulheres na esfera pública religiosa, pude experimentar eventos em praças públicas e idas aos cultos institucionais, visando as possíveis transformações e representações das mulheres. Ao iniciar o mestrado, a perspectiva foi apurada para questões da conjuntura nacional e busca da compreensão dos processos históricos em desdobramentos. Ao recortar a análise para o evento anual da Conferência Profetizando às Mulheres, tinha como objetivo inicial observar a estrutura e o projeto educacional/comportamental. Porém, ao me aproximar do campo fui afetada por dimensões que se sobrepunham ao que inicialmente buscava.

Para além das participações em duas edições (2016 e 2017) e acompanhei os movimentos do Ministério profetizando às Nações - Fernanda Brum, via redes sociais e algumas idas a IPAN. A partir desse arranjo foi delimitado o arsenal de situações que seriam analisadas.

No primeiro capítulo as mulheres evangélicas são apresentadas: de modo quantitativo a presença das mulheres é expressiva e toma a cena de diferentes nichos sociais; as mulheres na música *gospel*, toma frente nos púlpitos e na produção fonográfica; Fernanda Brum é apresentada no cenário nacional, com seus números de vendas e sua trajetória artística.

No segundo capítulo, o projeto de poder às mulheres evangélicas: a conferência é apresentada como um programa pedagógico, com o fim de uma educação comportamental e religiosa; ao abordar elementos próprios da experiência em campo, temas e debates são abordados sob luz do discurso ideológico que orienta o projeto; dimensões de cura, ordenamento e o papel da mulher evangélica contemporânea são apresentados.

No terceiro capítulo serão encontrados aspectos que constroem uma totalidade dos ministérios evangélicos na conjuntura nacional: ações políticas e alianças institucionais são apresentadas como arranjos do modo de fazer política (e)dos evangélicos na esfera pública; a representação da mulher evangélica e a disputa da sua posição na institucionalidade da esfera religiosa e pública;

CAPÍTULO 1: MULHERES, MÚSICA *GOSPEL* E PASTORADO FEMININO

A mulher na mídia é apresentada de diferentes formas: tamanho, cor, classe, etnia, credo, profissão. Essas condições da imagem e das suas distinções socioculturais se fazem através da circulação de informação, feita pelos canais de comunicação. E atualmente podemos contar com diferentes fontes e meios que operam a construção da imagem sobre esse segmento dos evangélicos. A fonte jornalística desde a sua origem com as notícias impressas, desenvolveram uma engrenagem na dinâmica social com o fornecimento da informação. Depois vieram as rádios que multiplicaram essa dinâmica de um modo versátil, com suas programações interativas. Em conjunto às construções das programações narrativas, foram sendo criados grupos empresariais que investiram nessa lógica. O cotidiano social foi sendo preenchido por esse modo de consumo da informação. A TV entrou em cena trazendo uma linguagem visual, fornecendo uma personalidade na presença informativa, conjuntamente com a versatilidade de outras narrativas. Logo mais adiante a internet chegou para consolidar mais um marco desta interação, conectando diferentes mundos e dimensões. Hoje, com uma multiplicidade de fontes e com a velocidade da produção de informações podemos observar um conjunto de narrativas feitas sobre e/ou para os evangélicos. É a partir deste maquinário dos meios de comunicação que proponho uma atenção ao se observar as análises desta pesquisa.

Uma matéria jornalística busca um público leitor, assim como uma programação de rádio busca um público ouvinte e assim por diante. Hoje os evangélicos demarcam uma posição de destaque, sendo reportados como protagonistas até mesmo em produções seculares. Uma dimensão social que tem sido ocupada ao longo de processos históricos, tanto quanto os processos de desenvolvimento dos meios de produção de informações. Neste último século muitas transformações impactaram a dinâmica da vida social. Os desdobramentos desses fluxos podem ser observados por diferentes ângulos.

“As mulheres são maioria entre os evangélicos, que são 22% da população”², é com este título que a matéria do *El País* Brasil³ apresenta dados da expansão dos evangélicos no país. A edição é de 2013 e traz como foto principal a ocupação das ruas de uma Marcha para Jesus em Brasília. Também é abordada a relação de venda e consumo dos cristãos,

² Lei a matéria completa. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/18/politica/1384814411_373235.html Acessado 27 mar 2018.

³ *El País*, jornal diário espanhol de notícias sobre o mundo, matéria extraída do editorial brasileiro.

entre eles se encontram a música *gospel*, livros e canais televisivos. Nesta matéria também pôde ser encontrado um levantamento com base no IBGE apontando diferenças de classificações entre os Evangélicos de Missão e os Evangélicos Pentecostais, e ainda a concentração geográfica por regiões do país. Desses 42,2 milhões de fiéis, 22% da população brasileira, a maioria é mulher.

1.1 Mulheres evangélicas no Brasil

As mulheres costumam ser a maior parte de diferentes grupos. De 102,2 milhões de brasileiros, 58 milhões são mulheres. Proporcionalmente a relação é óbvia, porém compreendo como relevante este dado constar no título da matéria exatamente por expor a importância que vem sendo tratada esse quantitativo. Nesta matéria também há outra relação importante no que diz respeito à circulação das produções evangélicas, pois é na música *gospel* que muitas mulheres do segmento encontraram espaço para desenvolver uma carreira. Nesta categoria podem ser encontrados um grande volume de mulheres em carreiras independentes e patrocinadas. Muitas dessas mulheres não ficaram por aí, podendo ser observado uma correlação entre a mulher evangélica na música e o pastorado feminino.

O pastorado feminino, digo, o ordenamento institucional por muito tempo foi um tabu no universo de todas religiões cristãs. O exercício de funções que tangem o cuidado, o ensino, o disciplinamento, praticados por mulheres não são de hoje. Porém, o reconhecimento ministerial ou ordenamento sacerdotal de uma liderança feminina, ainda hoje, é questionado. As opiniões se dividem, mas é com apoio em textos da Bíblia Sagrada que ambas se apoiam. Já no Novo Testamento as mulheres exerceram dons espirituais, oraram em público, estiveram presentes em ocasiões importantes, acompanharam equipes ministeriais para servir e ajudar, compunham casais que juntos ministravam, hospedaram igrejas em suas casas⁴. Práticas que condizem com ministérios desenvolvidos pelas mulheres em civilizações antigas. Hoje vivemos uma realidade em que as mulheres evangélicas estão recebendo a legitimidade dessa posição em diferentes dimensões.

⁴ Referências das passagens bíblicas citadas: Atos 2.17-18, 21.9 / 1 Coríntios 5.13; 11.5 / Jo 19.25 / Marcos 15.40-41 / Jó 20.1,11-18 / Lucas 8.1-3; Mateus 27.55-56 / Romanos 16.3-4.

Uma outra matéria jornalística também de 2013 da IstoÉ⁵, “A força das pastoras”⁶ trouxe para o debate algumas referências de visibilidade na esfera nacional. Na primeira parte da matéria o papel da mulher na Igreja Católica é abordado a partir das falas do Papa Francisco, em que o pontífice afirma que a porta do sacerdócio feminino está fechada. Em contrapartida, segue a reportagem trazendo a característica de transformação que os grupos evangélicos vêm consolidando. Sarah Sheeva, Ana Paula Valadão, Cristiane Cardoso, Sônia Hernandez, entre outras, são apresentadas como mulheres, líderes, pastoras de um público expressivo. A consolidação desse legado vem acompanhado da música *gospel* na maior parte das situações observadas. Na matéria, um pesquisador faz a análise de que a abertura para esse legado das mulheres evangélicas pastoras tem por reflexo a precursora bispa Sônia Hernandez, que serviu de influência para toda uma geração a partir das apresentações e ocupações das ruas anualmente nas Marcha(s) para Jesus/SP⁷.

Nesta matéria jornalística foram reunidos nomes de peso do segmento, referências que estão construindo um novo molde da mulher evangélica perante a sociedade brasileira. Não é por menos que a matéria se encontra na sessão “Comportamentos”. Neste trabalho busco analisar como o reordenamento comportamental das mulheres tem sido um programa pedagógico em desenvolvimento no segmento. Ainda na matéria, é apresentada a relação de empatia que uma mulher consegue criar de maneira mais sólida com a comunidade de fiéis. É apresentada também a formação do corpo pastoral da Igreja Batista da Lagoinha⁸, com 44,6% de mulheres. Ainda construindo uma correlação percentual entre a composição de mulheres no corpo sacerdotal das igrejas de diferentes segmentos, a Assembleia de Deus que é abordada como denominação conservadora, consagrou mulheres ao cargo de evangelistas, posição que permite a direção de um templo.

Contamos com estudos que buscam compreender o que as mulheres procuram e encontram nas religiões (Rosado, 2005), e também análises que apontam como as

⁵ Revista semanal brasileira de informações gerais.

⁶ Disponível em https://istoe.com.br/325432_A+FORCA+DAS+PASTORAS/ acessado em 27 mar. 2018.

⁷ A marcha para Jesus é um evento de rua, de cunho político e religioso, analisado pela Raquel Sant’Anna (2014,2017).

⁸ Igreja filiada a Convenção Batista Nacional, hoje tem mais de 80 mil membros. Amplamente conhecida pelo ministério de louvor *gospel* Diante do Trono. Para mais informações, ler Nina Rosas (2013).

mulheres evangélicas vem desenvolvendo um processo de autonomia financeira a partir do movimento pentecostal (Machado, 2005: 2012).

Rosado (2005) organizou um dossiê com questões acerca do papel das mulheres no universo das religiosidades, apontando o senso comum em que afirma que as mulheres tendem investir mais nas religiões que os homens, sendo elas 'mais religiosas'. Porém estamos lidando com o campo majoritariamente dominado pelo masculino.

Historicamente, os homens dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. (ROSADO, 2005: 363)

Na matéria trazida da revista IstoÉ podemos encontrar um paralelo como reflexo com essa prática mencionada pela pesquisadora. Em entrevista um dos pastores-líder da Assembleia de Deus do Brás, afirma que não tem como mais negar a ação de liderança das mulheres. O bispo da Igreja Reina diz que a liderança feminina concede credibilidade à igreja evangélica. Entre a pesquisa e a matéria foram oito anos, e o que podemos observar é um processo de transformação.

Compondo esse dossiê mencionado, Maria das Dores Campos Machado, aponta modos de reconfiguração das subjetividades a partir da adesão ao pentecostalismo. A partir de processos de distribuição de autoridade no interior das igrejas, a participação das mulheres contribui para o crescimento de denominações com pastorado feminino, bem como o a multiplicação de igrejas fundadas por mulheres (2005: 391). Contudo, essa adesão e mudanças nas hierarquias eclesiais não são referidas como resultados de reivindicações. A autora chama a atenção para uma cautelosa investigação que possa examinar os critérios e mecanismos comuns de ascensão das mulheres, somente assim, poderá ser avaliado o impacto das propostas das agendas feministas nas agremiações pentecostais. Entre as sugestões de atenção sobre o tema está a associação entre o sacerdócio feminino e o laço matrimonial, onde a maioria das pastoras são casadas com homens que ocupam cargos de dirigentes.

1.2 Mulheres e música *gospel*

Para além da direção sugerida entre a relação do sacerdócio matrimonial e o pastorado feminino, venho observando que a relação entre a música *gospel* e o pastorado da mulher no segmento evangélico pode ser entendido como um mecanismo dessa ascensão das mulheres. Os fatores elencados como justificativas para o desdobramento que vem transformando a posição e legitimação da mulher evangélica podem ser atribuídos ao desenvolvimento do setor fonográfico da música *gospel*. Entre ministérios musicais e carreiras solos, a presença da mulher nos púlpitos e palcos ganha uma conotação expressiva.

A história da música *gospel* no cenário religioso nacional é desenvolvida com um panorama histórico e processual na tese da Magali Cunha (2004). O trabalho da autora trata de um olhar comunicacional sobre a cultura, elaborando indagações relacionadas às mediações no campo sociopolítico e econômico dos processos de novas manifestações culturais, bem como a construção de hegemonia que culmina na explosão e formação da cultura *gospel* (ibidem:107). Partindo deste aspecto, a autora desenvolve uma elaborada refutação conceitual para alcançar um resultado que é aplicado em sua tese, uma formulação de um conceito próprio de hibridismo cultural. Sendo então o fenômeno *gospel* nacional um fruto das transformações da forma de estar dos protestantes no Brasil. Entre a adesão à modernidade e suas tendências, o hibridismo *gospel* é apresentado (ibidem: 111). É neste sentido que a “cultura *gospel*” será empregada.

A “cultura *gospel*” enquanto movimento musical, por estar associada à mídia, se tornou sinônimo de um movimento de renovação no estilo de ser evangélico, seja na lógica do consumo, nas liturgias dos cultos ou no modo de construir entretenimento para esse público. O sentido que a música tomou revitalizou a dinâmica de ocupação das ruas caracterizando um modo de vida religioso. Para a Magali Cunha, esse modo de vida construiu um sentido religioso.

Raquel Sant’Ana (2017) em sua tese, chama atenção para uma “imaginação evangélica”. Sua pesquisa tem como objeto a Marcha para Jesus, já citada anteriormente pelas matérias jornalísticas seculares. Essa Marcha tem ganhado uma proporção de referência pública, acontece em diferentes cidades, e tem como objetivo ocupar as ruas com a presença do Jesus. Ali os fiéis anunciam sua fé, confraternizam, cantam, reivindicam, enfim, demarcam presença. A autora apresenta elementos que demonstram a construção de uma

nação evangélica imaginada, uma comunidade unificada que consolidam sua presença na esfera pública com uma representatividade discursiva hegemônica.

Disseminados pela Marcha em orações, discursos e músicas, é possível perceber que os elementos da guerra ganharam versões mais palatáveis e genéricas, capazes de abarcar uma gigantesca diversidade de origens doutrinárias, que não partilham formalmente a teologia da prosperidade ou da batalha espiritual. (SANT'ANA, 2017:238)

É no sentido de uma hegemonia interdenominacional que a “cultura evangélica” será aqui utilizada. E é a partir das dimensões sensoriais que a música e os discursos ecoados estão se desdobrando em dimensões práticas frente a embates teológicos que antes serviam para segregar o segmento. Para tal transformação, a Marcha para Jesus configura uma coletividade de “evangélicos”, Sant’Ana nos convida a pensar o evento como uma chave para compreender essa dinâmica de práticas e experiências que ganham vida em eventos midiáticos. A música *gospel* não somente faz parte dessa dinâmica, mas pode ser lida como mecanismo de consolidação dessa engrenagem. Partindo desta mesma chave de compreensão os eventos da “Conferência Profetizando às Mulheres” serão aqui observados, como dinâmicas práticas e experiências que ocupam os corpos. Chamo de fé musicalizada essa dimensão que afeta e constrói sentidos a partir da música.

1.2.1 Fé musicalizada e o mercado fonográfico

O fenômeno da música *gospel* começou a ser fruto de atenção quando alcançou números relevantes no mercado de vendas. O mercado fonográfico ao observar o perfil de consumo, investe ainda mais na produção. É de conhecimento comum que a indústria fonográfica nacional passou por momentos de instabilidade das vendas físicas, buscando então, meios de subsistir ao que foi compreendido como crise deste setor. E não foi coincidência o crescimento de produtoras ou artistas do universo *gospel* se consolidando no ramo a nível nacional e internacional nesse mesmo período.

Afunilemos nossa ótica para a empresa publicitária MK Music⁹. Produtora e editora, é conhecida como uma empresa de mídia focada no segmento evangélico. Hoje a empresa concentra grandes nomes da música cristã contemporânea, premiações e parcerias internacionais.

Buscando observar um indicativo específico, as mulheres do *gospel* tomam lugar relevante na pesquisa aqui apresentada. No presente momento de escrita, a empresa conta com uma equipe de 58 artistas contratados, onde 11 são grupos e 29 são mulheres.

Ao digitar alguns nomes para fazer uma pesquisa rápida é comum encontrar a soma de adjetivos como, cantora e pastora. Cassiane, Flordelis, Léa Mendonça e Fernanda Brum são algumas mulheres que se encaixam nessas categorias. O pastorado feminino no segmento evangélico vem sendo acompanhado por uma ascensão na posição de ministras de louvores. Como uma onda que foi sendo desencadeada, antes cantoras, depois ministras da palavra e agora pastoras.

As noções de “cultura *gospel*” e “cultura evangélica”, que foram brevemente apresentadas anteriormente, estão correlacionadas com essas transformações sociais e econômicas também citadas. E é a partir de um novo estilo de viver a cultura *gospel*, com as novas dinâmicas midiáticas de interação que se desenvolveu essa “cultura evangélica” com um sentido de unificação das diferenças denominacionais. Para tal consolidação da ideia, podemos observar as diferentes manifestações de rua a nível nacional que foram eclodindo ao longo das últimas três décadas. Com 30 anos de legado, a MK foi uma investidora de megaeventos no país. O “Conexão Gospel Canta Rio” foi um evento anual de música cristã que aconteceu entre 1993 a 1999 na cidade do Rio de Janeiro. Com um lançamento de DVD em cada edição, sob comando da empresa MK Music.

É a partir dos anos de 1990 que o processo de industrialização da música evangélica amplia a possibilidade de reconhecimento nacional dos seus cantores. O mercado fonográfico percebe neste campo uma rede de produção e desenvolvimento. O estilo *gospel* ao assumir uma dimensão mais profissional, chega a atingir a marca de 30% da produção nacional (De Paula, 2007). A indústria fonográfica *gospel* chega a movimentar cerca de 1 bilhão/ano, e a música se tornou produto com lugar de destaque ao ser utilizada

⁹ MK Music – pertencente ao Grupo MK de Comunicação, é uma empresa de mídia focada no segmento evangélico. É considerado um dos maiores grupos empresariais do universo *gospel*, possui as seguintes empresas: a gravadora MK Music, a MK Editora, Rádio 93 FM, MK Shopping, portais Elnet e Som Gospel. É a produtora oficial da Fernanda Brum desde 1994.

como meio de publicizar a fé (Rosas, 2015). A indústria cultural tem no seu interior as produções evangélicas, o *gospel*, que vem ganhando espaço sobretudo na música popular para além do universo religioso (Giumbelli, 2014).

Como uma forma de produção de sentidos, a fé musicalizada conduz a mensagem encenada pelo audiovisual aos sujeitos, construindo uma dinâmica de experiências. Uma linguagem sonora “evangélica” que constrói uma dimensão prática, com dimensões sensoriais. (Sant’Ana, 2014). Essa condução de ideia atua como modo disciplinador aos sujeitos. Os corpos ocupados por essa musicalização são ordenados pelos projetos salvacionistas, de diferentes filiações doutrinária, que visam a redenção e a salvação desses sujeitos através da mensagem de fé.

É fácil de notar que se trata sempre de *exibições*, que cumprem o duplo papel de ocupar posições e fazer proliferar referências. Consistem, portanto, em afirmações performáticas da presença evangélica na sociedade brasileira. Em algumas delas, o corpo tem papel de protagonista. Nesse sentido, há um esforço de contribuição para uma compreensão do lugar que o corpo vem a ter nessa sensibilidade religiosa. (GIUMBELLI, 2014: 195)

O crescimento numérico dos evangélicos transformou a forma de se imaginar essa população no país. Um aumento expressivo das denominações pentecostais e neopentecostais, como expressa a autora:

Essa mudança quantitativa e qualitativa foi acompanhada de grandes transformações também nos modos de atuação evangélica no espaço público. O crescimento pentecostal e neopentecostal teria influenciado de maneira marcante as demais denominações, tanto no modo de ocupar a política institucional quando na produção midiática. (SANT’ANA, 2014:212)

O traço de ocupação que a autora se refere está no tocante da presença e consolidação de um mercado *gospel* que construiu novos patamares estéticos no imaginário sobre os “evangélicos”. Com essa expansão novas figuras públicas ligadas ao segmento foram sendo apresentadas, atraindo um público que não necessariamente se identificasse como evangélico, mas que passou a encontrar referências associadas a eles (Sant’Ana, 2014 *apud* Fausto Neto, 2004; De Paula, 2008)

1.3 Fernanda Brum no meio *gospel* brasileiro

Fernanda Brum é uma das precursoras no que tange os elementos traçados nesse modo de condução moral e disciplinador. Com uma trajetória de idas e vindas em diferentes denominações, ela construiu seu ministério com a ideia contribuir para a construção de uma hegemonia do evangelho. Em sua autobiografia podem ser encontrados trechos que relatam sobre sua busca por uma instituição de fé que assumisse o pastoreado feminino, por exemplo. E hoje completa 2 anos, com a “Igreja Profetizando às Nações” – IPAN, fruto do seu ministério e carreira, afirma que sua igreja pentecostal serve a todo os cristãos das diferentes nações.

Entre análises e empirias, a música *gospel* aparece como combustível para essa engrenagem. Somado ao tele evangelismo, as programações de rádio e o acesso ao streaming, a “cultura evangélica” está sendo afetada pelo mercado da música *gospel*. Nessa expansão de fronteiras, novos circuitos de produção estão sendo consolidados. É de forma independente dos limites eclesiais que a música *gospel* circula. A esfera da economia é universalizante: o que a religiosidade tem de dispersa, o mercado tem de consolidado (Sant’Anna, 2013).

A IPAN é tida como um reflexo do trabalho missionário que o ministério da Fernanda Brum desenvolve. Conhecida por ser uma ativista *gospel*¹⁰, Fernanda atua levando a palavra através das músicas e sua agenda de atividades no Brasil e internacionalmente. Seu pastoreado é diversificado e sua metodologia de alcance se encontra também nos sentidos propostos em suas letras de músicas. De forma autônoma os segmentos das igrejas evangélicas permitem a variedade de denominações, até mesmo de seguimento doutrinário (Mafra, 2001). A IPAN, se encontra na Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, celeiro de produção das novas religiosidades durante todo o século XX. O ministério não se volta tão somente para a igreja, mas desenvolve uma intensa circulação por diferentes denominações, instituições, municípios, estados e países. Organiza eventos em praças pública, em igrejas, em programas televisivos, radiofônicos, shows privados, e afins.

Fernanda Brum marca em seus trabalhos a presença de relatos e experiências da sua vida pessoal, construindo mensagens a serem debatidas, trazendo questionamentos políticos

¹⁰ Uma referência por seus engajamentos em movimentos e causas sociais.

sobre questões em voga da conjuntura na composição e produção de suas obras. Foi assim na produção do CD “Cura-me” em 2008, onde a faixa principal fala sobre cura emocional e comportamental, no clipe é encenado um relacionamento abusivo e uma *drag queen* se desmontando, no qual a cura do cristo restaura a vida dos sujeitos. “Dá-me Filhos”, é uma faixa que Fernanda Brum utiliza para falar sobre a questão do aborto seguindo uma linha pró-vida, além de se usar a ideia de filhos da nação de cristo. Outro exemplo foi a construção do CD “Glória” em 2010, que vendeu mais 150 mil cópias e foi certificado como disco de platina duplo pela ABPD – Associação Brasileira dos Produtores de Discos. Neste álbum o clipe “Pavão Pavãozinho”, apresenta cenas urbanas, problemas sociais e foi um marco desta produção. Fruto, também deste CD, o DVD “Glória in Rio”, em 2011, foi um álbum gravado ao vivo na comunidade de Vigário Geral, subúrbio do Rio de Janeiro. Em 2012, no projeto Canta Recife, com cerca de 10 mil pessoas presentes, a cantora comemorou seus 20 anos de carreira em um grande evento gospel, na maior casa de shows do Nordeste, a Chevrolet Hall. Em 2014, lançou um single “Gigante do Amor” para a copa do mundo. Neste clipe apareciam questões para além de futebol, como o combate à violência, problemas como estádio novo *versus* gente sem moradia, tudo isso acionado, ao ritmo de samba e pop-rock.

É com esse suporte de produção, visibilidade e carisma que o pastorado diversificado da Fernanda ganhou um novo rumo específico. O evento anual “Conferência Profetizando às Mulheres”, é um desdobramento de temas e atendimentos voltados diretamente para as mulheres. Assumo como questão relevante o modo como o papel dessas mulheres na sociedade, na igreja, no trabalho e no lar são abordados nesta produção ministerial, bem como suas formas de aconselhamento e educação religiosa. Visando dar atenção a temas como: aborto, planejamento familiar, sexualidade, participação feminina na política e no mercado de trabalho.

Para além do seu evento anual com mulheres, Fernanda é convidada/contratada para ministrar palestras em outros eventos de cunho semelhante em diferentes denominações e estados do país. Eventos somente para mulheres, com palestras e temas voltados para o universo feminino, leia-se: saúde, maternidade, empreendedorismo, liderança, estética, matrimônio etc.

Os ideais propostos por esses projetos seguem a perspectiva da necessidade de uma “nova cultura”, uma transformação comportamental e sentimental, que culminará na construção

de um ensino específico para as futuras gerações. O combate à cultura machista está presente no que tange às questões das mudanças institucionais e legislativas que têm impactado a sociedade, talvez um reflexo religioso à legalidade penal. Em sua ação social prática, está o combate à pedofilia vinculada à questão da criminalização do violador, e o combate à violência doméstica, entre outras violências contra mulher. Estes temas também são encontrados frequentemente em palestras, letras de músicas e aconselhamentos. Já observei Fernanda Brum questionando culturas que praticam tradições de mutilação genital, e até mesmo aconselhando às mulheres utilizarem o disk 180¹¹. Em suas falas, Fernanda questiona a questão da violência e o limite entre a vida e a morte, chamando as mulheres para decidir viver.

Seu ministério não está voltado tão somente para a construção desse tipo de coletivos de mulheres evangélicas. Sua agenda de trabalho tem uma separação entre contratos de eventos e shows para prefeituras e, contrato para palestras e cultos em eventos religiosos. Antes e durante de tê-la como objeto de estudo pude presenciar alguns eventos que Fernanda esteve entre os convidados principais, como festas de igrejas, canta rio (evento com apoio da MK Music que aconteceu em diferentes lugares da cidade do rio de janeiro na década de 90), também pude observar sua atuação numa festa de emancipação da cidade de Belford Roxo, desta vez estive com um olhar mais apurado e analítico. Ao longo da sua carreira essas formas de aparições fizeram parte do seu estilo de atender o público. Além das participações em programas televisivos e das rádios do segmento

¹¹ O Ligue 180 foi criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), em 2005, é um Central de atendimento à Mulher, canal direto de orientação sobre direitos e serviços públicos para a população feminina em todo o país. <http://www.spm.gov.br>.

Fernanda Brum

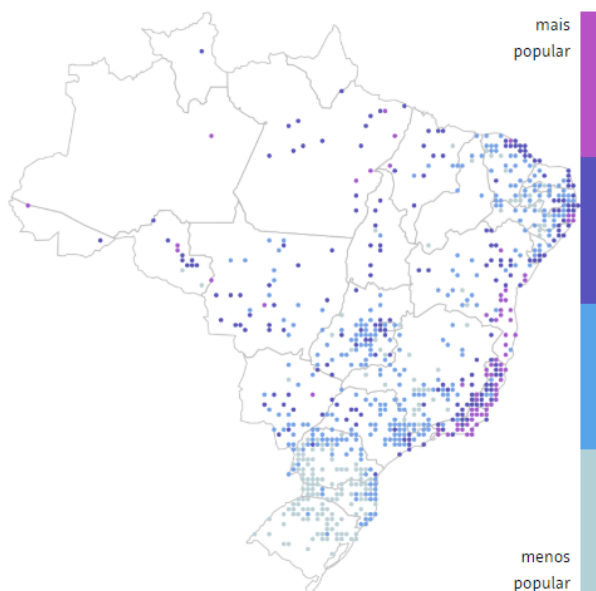


Figure 2: Mapa do artista, gerado pelo filtro da matéria. Fonte: Folha Uol

Sua amplitude alcança um arsenal de público com altas proporções. Em uma matéria¹² da Folha Uol, o mercado digital é observado a partir do fôlego que vem moldando o consumo. Nesta matéria foi desenvolvido uma série especial sobre a música popular brasileira através da relação de execução e consumo para descobrir a preferência do brasileiro por região. Na matéria o leitor tem a possibilidade de interação, onde pode ser feita a escolha de um estilo musical, um artista e assim, um mapa ilustrado apresenta em escala a popularidade de reprodução deste artista por região do país. A Folha analisou 134 bilhões de execuções no Youtube para elaborar essa amostragem. Entre os 20 mais tocados desde de setembro de 2014, 6 são gospel, três da produtora MK Music, um da Onimusic, uma da Sony Music Brasil e um da Universal Music. Fernanda não chega a entrar nesse ranking.

¹² Saiba mais, disponível em < <http://arte.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/musica-muito-popular-brasileira/mercado-da-musica/>> Acesso em 10 jan. 2018.

Ocupando a capa da revista ABRAMUS¹³ em 2009, Fernanda Brum estava sendo reconhecida e apresentada pelo setor fonográfico como uma figura legítima no competitivo universo da música nacional, como pode ser observado em outros casos.

Nesta edição citada, algumas das reportagens apresentaram as trajetórias de variados artistas, narrando em paralelo os períodos da música brasileira. Relembra Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Elis Regina e os movimentos como a Tropicália e a Bossa Nova, descrevendo a história da MPB, bem como sua força de alcance. A revista apresenta o



Figure 3 Capa da Revista ABRAMUS

¹³ ABRAMUS – Associação Brasileira de Música e Arte, é uma revista fundada em 1982 com o objetivo de defender os direitos autorais dos artistas da classe musical do país. A ideia principal era fomentar orientação para o uso regularizado dos trabalhos. Com o passar dos anos a associação obteve uns ajustes, atualmente possui uma lista de 48 mil filiados, clientes e parceiros no campo do fomento à cultura e defesa das artes. Seu objetivo é valorizar a criação artística e representar interesses dos associados.

momento de ascensão da música gospel e ilustra a capa uma representante com rendimento mercadológico expressivo.

A questão da regularização do trabalho artístico é a essência da associação ABRAMUS, e na matéria principal desta edição um assistente do departamento artístico afirma: “*Os representantes da música gospel brasileira devem receber pelo seu trabalho*” (2009:14).

No Brasil, os números que o Grupo MK de Comunicação apresenta auxiliam na compreensão da magnitude do segmento. Ainda na matéria, dados levantados mostraram cerca de um faturamento de R\$30 milhões, somente em 2008. Em entrevista concedida à matéria da revista, Fernanda Brum foi questionada sobre o sucesso do gênero, e ela afirmou “*ser um instrumento de comunicação do evangelho, de libertação, de cura da alma. As pessoas têm vivências muito fortes com cada canção, não consomem apenas para danças*”. Ainda de acordo com a diretora artística da MK Music, “*a música gospel passa longe da crise fonográfica da música secular, pois o consumo de pirataria pouco se faz presente neste segmento*”. (2009:15).

Dona da voz de grave, característica pouco explorada na música cristã brasileira, é conhecida por ser uma cantora que se utiliza de muitos ritmos, como blues, pop, pop-rock, samba. Sua produção artística é apresentada e organizada no perfil da produtora, bem como em seu site oficial, e site da sua instituição que pode ser acessado por links direcionadores em sites relacionados à sua imagem. Amparada por uma equipe de profissionais, seu produto, administração e marketing atendem à demanda do mercado. A carioca despontou na música gospel nos anos 90, ainda adolescente. Com milhões de CD/DVD (solo, em grupo e coletâneas), é uma das mais populares do segmento. Em 24 anos de ministério, foi indicada ao Grammy Latino 2008 com o CD Cura-me e conquistou a premiação em 2015, como Melhor Álbum de Música Cristã em Língua Portuguesa, pelo CD Da Eternidade. Ganhou seu primeiro Troféu Promessas (2001), da Rede Globo, como Melhor Clipe com “Pavão Pavãozinho” e melhor cantora (2012 e 2013). Lançou 10 álbuns inéditos em português, 2 projetos em espanhol, e 5 DVDs. Entre as premiações, conquistou 18 Discos de Ouro e 1 de Platina, todos certificados pela ABPD. Chegou a vender uma média de 300 mil cópias a cada novo trabalho.

Neste capítulo apresentei a presença das mulheres evangélicas na esfera pública nacional. Visando abordar processos de transformação do cotidiano social e a produção da informação. A posição de liderança e pertencimento institucional foram observadas como

formas dessa transformação. O desenvolvimento de programas pedagógicos e reordenamento comportamentais, aparecem como formas de participação e construção de autoridade da mulher nos grupos evangélicos. Também foi apresentada a atuação de representatividade no universo *gospel*. No Brasil, a “cultura *gospel*” e a construção de uma hegemonia são abordadas como frutos das transformações. Onde a “cultura evangélica” forja uma nação imaginada na esfera pública, com efetiva participação da música *gospel*. Fernanda Brum e seu Ministério são apresentados no cenário nacional, a partir do mercado fonográfico, premiações e projetos pedagógicos, seu alcance vem sendo reconhecido no meio religioso e secular. No próximo capítulo, serão abordados alguns meios de aplicação desse processo de atendimento as mulheres na esfera pública religiosa.

CAPÍTULO 2: EMPODERAMENTO DA MULHER EVANGÉLICA

Existem diferentes produções voltadas para o público feminino evangélico: “Goodlywood” da Igreja Universal do Reino de Deus; “Herdeiras” da Comunidade Internacional da Zona Sul; “Culto da Mulher Vitoriosa” da Assembleia de Deus Vitória em Cristo; “Femininas” da Igreja Batista Lagoinha; “Culto das Princesas” do Ministério Sarah Sheeva; “Mulheres de Sucesso” do Ministério Flordelis, entre outros. O que estes projetos têm em comum é o atendimento às mulheres, mesmo havendo algumas diferenças na forma que se dão esses atendimentos¹⁴. Em sua maioria pode ser encontrada interpretações do texto sagrado com foco no papel das mulheres e busca pela correlação do papel da mulher evangélica nos dias de hoje. Destes projetos citados, com exceção dos ministérios Sarah Sheeva e Flordelis, todos são institucionalizados por alguma unidade denominacional¹⁵. A “Conferência Profetizando às Mulheres” se assume interdenominacional, atuando então para além de uma denominação institucional religiosa e é transnacional, afirmando seu vínculo econômico, religioso e político com outras países.

O objetivo deste capítulo é apresentar o formato do evento que se aplica em sua totalidade o programa pedagógico de ordenamento disciplinar que tem sido observado.

2.1 A “Conferência Profetizando às Mulheres”



Figure 4 Banner oficial de divulgação

¹⁴ Ver mais em “Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal”, Jacqueline Teixeira, 2012.

¹⁵ Uma característica comum a todos os eventos, é o fato de os eventos serem com bilheteria aberta ao público, logo, por mais que seja de uma determinada associação ou denominação, as participantes podem adquirir seu ingresso e participar.

Observando a imagem acima podemos visualizar que cada continente é composto por muitas borboletas, de diferentes tamanhos e cores. O processo de transformação das borboletas é uma referência ao trabalho desenvolvido pelo Ministério de Fernanda Brum, onde mensagens/pregações são elaboradas dentro da metáfora “o casulo te transforma de lagarta em borboleta”, afirmando que ao sair do casulo a pessoa estará melhor. Sob essa lógica da transformação, onde a luta pode edificar e o sofrimento ser superado, as borboletas são o resultado de uma modelagem que cura, que redime e que trará mudanças desejadas. “*Borboletas das nações*” é o modo como Fernanda Brum se refere às mulheres durante toda a conferência. Diz que “*é tempo das idôneas se levantarem, das sofridas se levantarem por misericórdia para interceder por mulheres em situação de violência e pelas crianças que choram nas nações.*”

Os “evangélicos” vêm ocupando a esfera pública através de veículos da comunicação disputando a arena da opinião pública, uma busca por espaço na narrativa nacional (Sant’Ana, 2017). Sob uma cosmovisão da salvação, o discurso religioso permeia diferentes dimensões do universo social: o mundo material e espiritual. A redenção do espaço público tem sido aqui observada como uma missão em resposta à batalha espiritual. Buscam através da teologia da batalha espiritual tratar o “problema da violência”, onde a guerra armada pode ser desarmada pelo poder das forças espirituais. Problemas políticos podem ser solucionados através da oração.

A proposta que apresento neste capítulo é voltada para uma observação dos circuitos de mediação promovidos pela presença religiosa na esfera pública frente ao tratamento do “problema da violência”. Onde compreender relações entre violência e religião está além de questões como a marginalização dos espaços físicos da cidade e do tráfico. Sob a esfera das “conduções de mentes”, bem como modos de governar a cidade e operar a gestão dos conflitos e das populações, incorporo ao debate a ideia de um secularismo tolerante e democrático que encontra a religião como representante da esfera pública, bem como promotora de uma ideologia de Estado. Birman (2012) se utiliza de uma metáfora, “a religião como cimento necessário de uma nação” onde a paz relacionada à espiritualidade busca ordenar as condutas da população. Essa relação congrega o que a política e a violência separam, onde cimentar a cidade está para fortalecer.

E é sob essa perspectiva que uma comunidade heterogênea tem se organizado diante de um ideal, através de uma representatividade discursiva hegemônica. Uma mensagem de fé veiculando esperança para uma nação é diariamente direcionada através das rádios, das

músicas, dos programas televisivos. Desde da década de 80 com projetos políticos e eleitorais os “evangélicos” se organizam, como fizeram na participação na Constituinte de 1988 e posteriormente na Frente Parlamentar Evangélica, além das investidas empresariais. (Sant’Ana, 2017).

O “problema da violência” é tratado pela batalha espiritual no campo moral, no que diz respeito ao combate às mazelas sociais (Mariz, 1999). O combate às violências de gênero (morais, físicas, patrimoniais) tem sido incorporada, e é sob a ótica de uma batalha espiritual que as soluções para os problemas são acionadas. É comum encontrar nesses projetos para mulheres evangélicas narrativas que endossam o autocuidado e a busca por ajuda aos problemas psicológicos, por exemplo.

Este Ministério consolida sua linguagem e circulação através da música. Sua posição institucional é interligada com a produtora musical MK Music, que se torna agente social nas relações entre sujeitos e outras instituições. As variadas escalas de conexão se dão de modo direto e indireto. A “questão nacional” está situada no encontro entre a política, a tecnologia e a transformação social. Assim, os fenômenos associados devem ser analisados através das construções econômicas, administrativas, técnicas e políticas.

Os dispositivos acionados e linguagens utilizadas neste projeto também orientam minha análise. Assumo a questão de como o papel dessas mulheres na sociedade, na igreja, no trabalho e no lar são abordadas neste ministério em suas variadas formas de aconselhamento educação religiosa. Temas como: aborto, planejamento familiar, sexualidade, participação feminina na política e no mercado de trabalho, são exemplos do problema que será explorado. Observarei a circulação em que o ministério musicalizado se consolida e vem promovendo sua disseminação através das mídias. Este ministério atua em diferentes frentes, mas minha atenção e recorte se deu para a “Conferência Profetizando às Mulheres”, evento anual voltado para o público feminino, que promove ensino e incentivo ao sacerdócio das mulheres dentro do segmento. Com a participação efetiva em duas edições do evento, minha observação é operada a partir de expressões obtidas ao longo do processo juntamente com outras mulheres. Interesse-me pelas releituras do sentido da posição da mulher em relação ao homem que estão sendo geradas neste ministério com base numa determinada interpretação da mensagem cristã.

Apresento então dados e análises de dois momentos da minha pesquisa de campo: a participação nas Conferências de 2016 e de 2017. A “Conferência Profetizando às

Mulheres” - CPM está em sua 4ª edição, porém o projeto da Igreja Profetizando às Nações – IPAN se dá de forma continuada com outros congressos no Brasil e também com caráter internacional¹⁶.

Com idas à campo venho observei os aspectos de ensino e aprendizagem que o projeto vem desenvolvendo. Nas palestras podem ser encontrados formatos de como se deve agir em determinadas situações, como pode ser apreendido controlar sentimentos, como se de pensar e também, como se cuidar. O cuidado é uma questão central: cuidado de si, cuidado do próximo, dos filhos, da família, da igreja e do ministério. Ali é planejado e preparado um projeto de estratégias para se pensar nações.

Segundo os idealizadores, Fernanda e Emerson, a “Conferência Profetizando às Mulheres”, nasceu do desejo de apresentar uma nova visão do chamado das mulheres. Nos objetivos da conferência apresentados no site, todos os anos estão presentes noções a cerca da busca por direitos das mulheres, afirmando que uma conspiração existiu por muitos anos, causando a não ocupação da mulher em seu lugar na sociedade e o seu lugar ministerial na igreja. Entre os objetivos sempre encontro delimitados elementos que buscam exercer o ideal de cura e transformação, além de chama-las de guerreiras, essas mulheres estão sendo convocadas para ocupar um lugar de luta.

Ao focar neste objeto de análise, me voltei para os quadros de relações que ali eclodem. Ao se intitular um ministério missionário com um projeto interdenominacional e transnacional voltado para mulheres, podemos perceber uma intencional potência de ideias que permeiam esse arsenal projetado. Fernanda Brum em sua trajetória artística e de fé, pôde vivenciar diferentes realidades denominacionais. Encontrei relevância ao observar em sua autobiografia “E foi assim” de 2008, um incômodo carregado por anos: a procura por denominações que ordenassem mulheres ao sacerdócio. Em sua narrativa pode ser encontrada em diferentes momentos o incômodo da ausência de mulheres pastoras.

¹⁶ Em 2014, com um caráter abrangente, aconteceu a “Conferência Profetizando às Nações” em Manaus, em 2016 foi no Recife, e em 2017 na Angola. O casal divulga com frequência o desejo de uma expansão internacional anual.

2.1.1 A conferência como projeto

Como já foi mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, o “Ministério Profetizando às Nações” se iniciou muito antes do projeto de atendimento específico ao público feminino, até mesmo antes da criação da igreja que detém o mesmo nome. Fernanda Brum costuma dizer que é uma ministra da palavra que canta e não o contrário. Busca enfatizar com isso que o teor das letras e mensagens de suas músicas, é de mensagens de apoio, consolo e cura para os sujeitos que vão ter acesso, como uma forma de alcançar vidas e transforma-las através da palavra musicalizada.

Como pôde ser observado, ao longo dos seus anos de carreira, Fernanda Brum consolidou um legado com sua presença, carisma e projetos de ocupação dos espaços em curso à nível da esfera pública nacional. Entre rádios, programas televisivos, praças públicas, eventos beneficentes, shows de prefeituras e idas em diferentes eventos de igrejas, seu perfil foi ganhando forma e força. Ao apresentar a proposta de uma conferência projetada totalmente para o público feminino, rapidamente uma gama de fãs se voltaram para as organizações de caravanas.

Uma média de 12 caravanas oficiais são divulgadas no site do evento. Mas, ao conhecer algumas mulheres durante o evento, pude compreender que existem caravanas avulsas também. Entre as caravanas oficiais, o contratado fornece um atendimento feito por uma agência de turismo, que oferece diferentes pacotes, incluindo a inscrição no evento, a hospedagem, blusas personalizadas, brindes, o traslado e até atendimento personalizado, como condução para os pontos turísticos da cidade. Entre as agências, pude observar a presença de agências de turismo especializada no atendimento de eventos evangélicos. O que chamei de caravanas avulsas, foram os grupos que encontrei nas redes sociais, na sua maioria do estado do Rio de Janeiro que montaram suas caravanas (alugaram ônibus ou afins) e se organizaram de forma independente. A caravana de Angola é um grupo de mulheres que mantém diálogo entre as igrejas locais e a IPAN, durante o acompanhamento da pesquisa encontrei uma continuidade de articulação para além da conferência. Fernanda Brum foi convidada para desenvolver um evento internacional em Angola, e uma das dirigentes dessa caravana esteve no Brasil participando de eventos da IPAN.



Figure 5: Banner oficial

Todas as quatro edições do evento aconteceram na Zona Oeste do Rio de Janeiro/RJ. Os eventos de 2016 e 2017, nos quais estive presente, aconteceram no Pavilhão 2 do Riocentro¹⁷ na Barra da Tijuca. A estrutura da programação é um padrão, não só no evento “Profetizando às Mulheres”: percebe-se que outros eventos para mulheres evangélicas têm seguido esse modelo. O primeiro dia se restringe à abertura, às 19h. No palco os convidados e anfitriões vestem roupas sociais, uma mensagem é dada e louvores são entoados. O segundo dia começa às 10h. No palco as pessoas se vestem de forma casual, e as atividades são intercaladas entre palavras cantadas e ministradas (palestras ou pregações), às vezes pela mesma convidada. Entre as palestras, momentos de adoração, de louvores: clamores pela paz e pela cura eram feitas em forma de oração. Ministras de apoio eram encontradas por todo o espaço: eram mulheres obreiras da igreja (IPAN), usavam blusas sinalizando sua posição e ocupavam a multidão em sentinela.

Em determinados momentos destas orações, Fernanda ordenava essas ‘sentinelas do apoio’ o poder divino para impor as mãos sobre mulheres que precisavam da cura: cura

¹⁷ Centro de convenções, o segundo maior da América Latina.

emocional, cura física, cura espiritual. E assim, filas eram feitas em busca do ato de empunhar as mãos para receber as curas.

Na parte da tarde, mais palestras são oferecidas. O evento contou ainda com um espaço de curiosidades que não entrou no programa distribuído: foi um breve bate-papo com a esposa de uma figura política, que explicarei mais adiante. Nos intervalos o telão central divulga os estandes e os patrocinadores. Laura Brum (filha de Fernanda) aproveita este momento para cantar e brincar no palco com alguma amiga sua, fato ocorrido nas duas edições que estive presente. Na parte da noite, com um caráter mais formal a mensagem feita, continha um sentido mais abrangente.

No terceiro dia, a manhã tem o mesmo ritmo da manhã anterior. Depois do intervalo do almoço, às 14h a parte da tarde começa com música. Logo em seguida tem o momento “Papo de Meninas”, espaço em que um tema é escolhido e debatido com algumas convidadas sentadas em sofás, de maneira descontraída e com linguagem acessível. Incluindo os anos que não estive presente, as temáticas abordadas neste espaço foram sobre estética, cuidado, saúde e o trabalho da mulher evangélica. As noites de sábado foram reservadas para lançamentos, em 2016 do DVD “Da Eternidade” gravado em Israel no mesmo ano, sendo feito o lançamento nacional do álbum internacional. E em 2017, o lançamento do CD “O Som da minha vida”, álbum novo, ambos de Fernanda Brum.

Foram três dias entre idas e vindas. No ano de 2016 tive a companhia da minha mãe. Que por sinal, é uma mulher evangélica que admira esse trabalho voltado para o atendimento às mulheres, mas questiona se a mulher deve ocupar o papel de liderança sozinha. Estar neste campo é um conjunto de sentimentos: se misturam o desejo da compreensão analítica, a busca por respostas pessoais, a satisfação de ver transformações possíveis para as mulheres cristãs, e também, posso contar com o apoio dos meus geradores. Meu pai não pensou duas vezes antes de aceitar nos auxiliar no traslado todos os dias. Minha mãe ficou tão animada com a programação que convidou várias amigas. Mas, o custo do evento (R\$180,00) impossibilitou que montássemos nossa própria caravana.

Então nestes dias, saíamos de Bangu, também bairro da zona oeste da cidade e pegávamos a TransOlimpica¹⁸ e rapidamente chegávamos no Riocentro. Lá no evento minha mãe encontrou uma amiga sua dá época de solteira. Foi um reencontro animado, e cheio de

¹⁸ Nome dado a uma via expressa da cidade que liga Barra da Tijuca à Deodoro, oficialmente, Corredor Presidente Tancredo Neves.

curiosidades. Foi neste momento que pela primeira vez soube do projeto de autonomia institucional da Fernanda e Emerson: essa amiga nos contou que a Igreja Profetizando às Nações havia sido aberta, e por sinal, ela se identificou como membra desta nova igreja. Com apenas alguns meses de inaugurada, essa amiga nos disse também que foi feito um ato profético de consagração do novo espaço, e naquele momento Fernanda Brum se assumiu pentecostal, e agradeceu a Deus pela oportunidade de poder seguir seu ministério com sua “liberdade teológica” tão desejada. Fernanda sempre que pôde afirmou que não segue nenhuma linha teológica específica, e anteriormente estava ordenada em uma Igreja Batista¹⁹. Em 2017, fui sozinha, uma amiga me abrigou durante os dias do evento próximo ao local e durante o congresso, fiz algumas colegas.

Mulheres dedicaram seu tempo para compor este evento que tem caráter de formação política e religiosa. Voltado para o público feminino, as palestras são bem ilustrativas/didáticas e com foco em interpretações dos papéis das mulheres na igreja e na sociedade, no sentido de um empoderamento das posições ocupadas pelas personagens do livro sagrado cristão. O Profetizando às Mulheres, tem por objetivo alcançar territórios e populações dos quatro cantos da terra. Fernanda Brum afirma que seu ministério é uma prática e também é um ativismo, por isso as caravanas de diferentes regiões do Brasil e também de outros países, especialmente países africanos e convidadas norte americanas. É neste evento com mulheres que observo o encontro dos mundos deste ministério missionário musicalizado. Busquei analisar a presença das ideias, dos sentidos das narrativas, das performances e das relações. As variadas dimensões do ensinamento no evento apresentam as etapas do projeto de educação emocional e comportamental desta produção religiosa na esfera pública.

Entre os processos de construção das dinâmicas sociopolíticas, os evangélicos estiveram presentes nas produções de subjetividades e no fortalecimento das comunidades tanto rurais, quanto urbanas. Um novo modo de ser protestante no Brasil foi possível a partir do crescimento das formas do pentecostalismo, delimitando uma nova cultura (Cunha, 2004). As mulheres pentecostais estão sob o radar dessas transformações não é de hoje. Maria das Dores Machado (2005; 2010) apresenta uma relação entre pentecostalismo e

¹⁹ No Brasil as principais convenções são: a Convenção Batista Brasileira (maior e mais antiga), a Convenção Batista Nacional (de orientação pentecostal) e a Convenção das Igrejas Batistas Independentes, entre outras, tem a Convenção Batista Carioca. Fernanda Brum e seu marido foram pastores auxiliares por 8 anos na Igreja Atitude Central da Barra, pertencente à Convenção Batista Carioca.

política, que indica características da configuração social de distintas sociedades nacionais. No caso da América Latina pesquisas indicam o crescimento dessa expressão religiosa no interior de países como Guatemala, Venezuela, Peru e no Brasil. Esse vertiginoso índice ampliou a participação do segmento na política institucional e mobilizou uma formação de lideranças com objetivo de impactar as políticas públicas. O crescimento da participação política das mulheres pentecostais também foi examinado pela autora. Neste processo há uma redefinição da subjetividade que acontece através da conversão.

A conquista de uma autoridade moral e o fortalecimento da autoestima ampliam as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades extradomésticas e as redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina. Sinteticamente, o engajamento nesses grupos possibilita às mulheres também uma maior participação na esfera pública, com algumas pentecostais evangelizando em praças públicas, realizando trabalhos voluntários em presídios, hospitais e entidades filantrópicas, participando de programas religiosos televisivos e radiofônicos e, mais recentemente, dedicando-se à militância política em favor dos candidatos da igreja. (MACHADO, 2005: 3)

A redefinição do papel da mulher tem remontado o cenário de autoridade eclesiástica. Mas é importante observar que em seus estudos esta autora observou um sacerdócio além de feminino, mas matrimonial. Para tal, mesmo que se construa uma autoridade moral, a mulher não exerce uma liderança sozinha. O marido se reposiciona também, e o pastorado é matrimonial. Logo, não está se referindo a um sacerdócio autônomo ou liderança radicalmente feminina. Cabe acrescentar que ao longo do último século o pentecostalismo foi impactado pela transformação social e histórica nacional. Estudos da sociologia e antropologia da religião apontam uma flexibilidade desta expressão não só perante às outras tradições religiosas, mas também às mudanças no campo político e dos movimentos sociais.

2.2 Educação religiosa e ordenamento

Machado (2010) chama atenção para o caráter plural do segmento, por isso falar em “pentecostalismos” abordaria de maneira mais adequada sua extensão. Então, essas

expressões podem ser encontradas de formas diferentes. A pluralização dos campos serve para tomarmos nota do fluxo que a sociedade está desdobrando seus interesses, e para além disso, em busca de soluções para questões. Juntando os eixos elencados, chamo a atenção aos corpos femininos, campo político constantemente em disputa.

Destaco aqui a importância no âmbito desta pesquisa dos cursos de formação de lideranças femininas evangélicas. A atenção em redimensionar os papéis sociais nas instituições religiosas, pentecostais ou não, pode ser relacionada à tomada de direitos e dignidade, além da produção de individuação e autoridade moral, já mencionados a luz da Maria das Dores Campos Machado (2005).

A moralidade é acionada como dispositivo de controle e ordenamento. Este movimento de mulheres aciona a tomada de autonomia, autoestima e empodera esses sujeitos para tomar as rédeas de suas vidas. E em paralelo, ensina uma cosmovisão voltada à tradição cristã, sob reinterpretações das escrituras sagradas. Um exemplo desta reinterpretação aconteceu no evento “Profetizando às Mulheres” de 2016 numa palestra feita pela anfitriã. O livro bíblico escolhido foi Juízes e a história era de “Sansão e Dalila”, mas desta vez a mensagem não visava falar da mulher que seduziu e traiu Sansão.

Como todas as palestras adquirem a conotação de aconselhamento e ensino, esta teve o caráter de instruir e direcionar as ações. A temática do abuso emocional e a manipulação da relação amorosa foram abordadas, mas se enfatizou a ideia de tratar na individualidade, direcionando a atenção para cada história, sem uma ‘receita de bolo’ pronta que pudesse identificar o foco de um abuso. Fernanda Brum abordou o caminho para noção do segredo, uma necessidade de particularidades, dando a entender que a intimidade precisa ser privada, afirmando que para se obter uma vida saudável, seja a individual ou a matrimonial, deveria ser escolhido o “caminho do segredo”.

Sansão e Dalila, são protagonistas desta história bíblica, muito popular. Sansão era tido como um homem forte que comandava o povo israelita, povo de Deus, contra o povo filisteus. Em meio as disputas por território, os filisteus pediram para que Dalila descobrisse o segredo da força de Sansão, para assim, desestabiliza-lo. Sansão acreditava que sua força extraordinária vinha dos cabelos. A história de Dalila foi utilizada para elaborar uma denúncia, a personagem da história foi responsável pela queda de um dos juízes de Israel, e por descobrir o segredo da força de Sansão. Na analogia feita, ‘a Dalila’

estaria tentando neutralizar ou impedir o agir do espírito santo, colocando todas as mulheres sob um domínio, interferindo nos planos divinos em suas vidas.

Com essa denúncia o alerta esteve no sentido de executar uma resistência ‘às Dalilas’, uma lógica de produção do cuidado. As dores da depressão, da tristeza ou do fracasso emocional foram problematizadas enquanto questões importantes de serem resistidas. Independente do caso bíblico ter sido com um homem, Fernanda afirmou que o lado profético e tipológico estava acima do gênero. E a mensagem foi de resistência, para assim ser construído um elo de força e proteção. Na história bíblica, ao insistir e descobrir seu segredo, Sansão foi destruído, sua posição social desmoronou, sua credibilidade acabou, foi humilhado, ficou cego e foi aprisionado. Sansão não resistiu à Dalila.

Dando continuidade à analogia feita, Fernanda segue denunciando que por anos mulheres foram limitadas e impedidas de construir seu lado ministerial nas igrejas. A estigmatização das mulheres ao longo da história das sociedades também fora referenciada. Assim, uma batalha espiritual foi travada contra os aprisionamentos emocionais e ‘à Dalila’ estava sendo denunciada para cair, para não ter domínio sobre a vida das mulheres. Ainda foi questionado o quanto é comum encontrar mensagens que fazem alusão de Dalila ao pecado moral e a sedução. Fernanda questionou essa narrativa reducionista que enxerga nas histórias das mulheres a angulação da sedução, e levantou a perspectiva espiritual, acionando outra dimensão, a do corpo que tem fé. A resistência ‘à Dalila’ estende-se para a construção de proteção e cuidado com os segredos, que podem se tornar fraquezas, marcando na sua fala a necessidade de reinterpretação das leituras bíblicas.

Relacionando com sua vida pessoal, questionou a pressão externa a uma dada adequação, uma dita postura correta a ser seguida. Contou como houveram opiniões que tentaram forçar determinadas conformidades do seu modo de ser, de como deveria agir e se comportar para ter o seu ministério desenvolvido. E afirmou: *-Meus tambores não estão guardados!*²⁰ Referindo a sua construção de autoestima, disse que o segredo dela ‘vêm da eternidade’ e alertou à cada mulher que se concentrasse em combater as diversidades, cansaços, estimulando seus ânimos para que ‘a Dalila não cortasse mais cabelos alguns’.

²⁰ Seu ministério é caracterizado por uma autonomia teológica e pela mistura interdenominacional da sua trajetória. Seu modo irreverente, descontraído e brincalhão já causou críticas, assim como o uso de tambores em performances, artes cênicas e o gênero de rock.

Você está entendendo contra quem está lutando? Dalila te colocou na cama querendo arrancar suas forças igual tentou fazer com Sansão, mas Deus vai te pôr em um lugar estratégico... A batalha é espiritual, espírito de fadiga, de depressão, pés cansados, baixa alta estima... Dalila sua desgraçada, eu te denuncio agora!

No contexto bíblico, a força de Sansão estava em suas tranças de cabelo. Fernanda, então, retorna o debate sobre as questões das condutas e das exigências comportamentais, afirmando que seus tambores não estão mortos e que sua força não vem do cabelo. Críticas recebidas por ela foram feitas com base em um “modelo doutrinário” ou linha teológica que ela deveria seguir para que seu ministério fosse promovido e abençoado.

Neste contexto doutrinário houve uma polêmica em relação ao seu cabelo. Muitas pessoas afirmavam que sua unção derivava deles, e quando Fernanda teve a necessidade de cortá-los, uma repercussão negativa aconteceu. Por muitos anos os cabelos longos e escuros foram sua marca registrada. Ao mudar os fãs e o jornalismo de ‘fofoca *gospel*’ desaprovaram. Em um desabafo no seu perfil do *Instagram* explicou que havia chegado o tempo de mudar sua aparência e que isso não afetava sua intimidade com Deus. Fernanda teve uma doença, a Alopecia Areata Focal, e afirma que não mudou o corte pela doença, e sim pelo cabelo não ter tido tanto valor quanto antes. Dando sequência na conferência, o ato performático de Fernanda foi o de retirada dos seus apliques de cabelo (usados desde o referido corte), jogando-os no chão e mostrando a sua Bíblia em punho levantado, afirmando que sua unção vinha do livro sagrado.

Nessa noite eu me recuso a viver como escrava e eu derrubo todo sistema demoníaco que tentou me cegar, que tentou me humilhar e que tentou me cansar, eu declaro que o Deus que eu sigo é maior que Dagôn²¹, e se tem alguém para cair é Dagôn. Agora!

Neste campo existe uma disputa em relação à legitimidade do pastoreado feminino, pois lideranças masculinas contestam a aprovação divina, e é diante das reinterpretações bíblicas e da contextualização histórica que os movimentos de mulheres evangélicas tomam força. Nessas disputas pelo jogo das governanças, as mulheres são preparadas para serem lideranças sejam das suas empresas, dos seus lares, das suas igrejas ou de seus

²¹ Dagôn foi um deus filisteu, adorado como uma divindade nacional. Disponível em <<http://globedia.com/dioses-filisteos-dagon>> Acessado em 11 jun 2016.

ministérios. E através de novas vertentes ou releituras históricas, como essa da história de Sansão e Dalila, que as trajetórias estão sendo reescritas.

2.3 Feminilidade: um feminismo evangélico?

Uma cidadania cristã tem sido acionada como alvo desses grupos. Essa construção conjunta, apresenta uma coletividade do modo de pensar dos evangélicos. Raquel Sant’Ana (2017) construiu uma análise que apresenta as implicações políticas da organização da música *gospel*, compreendendo sua atuação enquanto categoria e enquanto setor econômico. A música *gospel* tem sido observada como um elemento participativo da construção de uma imaginação coletiva dos evangélicos no Brasil. Os meios de comunicação tem sido a ferramenta para hegemonização e transformação do social. Com estratégias nacionais e transnacionais, os processos de produção de “imaginação” têm se dado na produção cultural evangélica e também nos esforços de construção de uma identidade no mundo, esforços estes que se desdobram através do rádio e da televisão. Essas tecnologias são controladas pelo estado ou são ligadas à profissionais da indústria cultural (Hall, 2003). Neste caso, a indústria cultural evangélica.

Durante as participações nos eventos, pude compreender alguns aspectos dessa produção. É sob a lógica de uma coletividade imaginada dos evangélicos que as palestras têm sido elaboradas. Alguns palestrantes se repetem ao longo das edições, e relacionam suas falas com as anteriores. Uma programação em série, um ensinamento feito por etapas. E uma certeza: os estudos/palestras estão sendo veiculados além daqueles três dias de congresso, a circulação é feita por venda de DVD e até mesmo pelos canais do YouTube.

Helena Tannure²², é uma figura que vem me chamando atenção. Ela tem uma ação de influenciadora com um alcance expressivo, contando com um aporte de produção de

²² Helena Tannure se converteu ao evangelho em 1983 e, seis anos mais tarde, tornou-se membro da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte/MG. Atuou por 13 anos como Backing Vocal do grupo Diante do Trono onde, juntamente com seu esposo, participou da criação do “Ministério Crianças Diante do Trono”. Foi professora do CTMDT – Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono – ensinando as disciplinas “O Coração do Artista” e “Arte na Adoração”. “Apresentadora de televisão, tem em seu currículo programas como “Diante do Trono”, “Chá das Quatro”, “Bate Papo” e “Clube 700”, programa evangelístico internacional que apresentou durante três anos como representante da língua portuguesa. Nos últimos anos, Helena tem atuado como conferencista dentro e fora do país e como escritora, ministrando a diferentes públicos sobre suas experiências com intercessão, arte, adoração, caráter cristão e família. Pastores, ela e seu marido João Lucio Tannure, estão casados desde 1990 e são pais de quatro filhos. Helena se autodefine “Sou filha, esposa e mãe, uma mulher comum que crê em um Deus extraordinário” e ainda diz: “É o que

livros e DVDs de aconselhamento para mulheres, casais e a estruturação do cuidado da família. Na conferência de 2016, Helena levou para o debate questões sobre o ordenamento sexo/gênero. O exemplo utilizado para sua ilustração foi uma situação de falecimento, apresentando as diferentes reações da sociedade para a mulher e para o homem. Tannure afirma então, que uma mulher que viveu um casamento não conseguiria se casar novamente. Colocando-se nesta posição, afirma que a mulher deveria fazer missão em outro país, fazer a obra divina. Já o homem nessa mesma situação, que não foi feito para ficar sozinho, não conseguiria viver sem uma esposa. A partir dessa entrada, a questão do papel da mulher foi analisada à luz do significado de *ezer*, palavra de origem hebraica classificada como “auxiliadora”.

A palestrante indicou a quantidade de vezes que a palavra é utilizada na bíblia: duas vezes para definir a mulher, por três vezes define o auxílio militar e dezesseis vezes define Deus. Estes exemplos são referências para a otimização do sentido e significado de ser “auxiliadora”. O ensino, o cuidado, o carinho, o consolo, foram abordados como “armas da mulher”. Por vezes esse auxílio foi apresentado relacionado a um sentido biológico: em outros momentos, o sentido apresentado buscava construir um resgate da cultura bíblica, sob aquele olhar. Como uma palavra sagrada e decretada, *aquela que é idônea, aquela que é apta, aquela que é capaz, aquela que é competente, aquela moralmente correta*. Helena Tannure afirmou que existe um decreto do divino para feminilidade, resumindo que a mulher é *aquela que presta o socorro*.

Na continuidade da palestra, a moralidade de uma nação foi relacionada à posição da mulher. A mensagem interpelou um ideal de combate em relação a imagem da mulher brasileira, “a partir de imoralidades”, como o turismo sexual, e que deveria ser traçada uma missão por esse “movimento de mulheres idôneas”. Fazendo referência ao projeto em curso.

Somos mulheres inteligentes, santas, sábias, sabemos instruir as próximas gerações de mulheres e de homens, e vamos resgatar o lugar que Jesus buscou para nós. Não foi o movimento feminista que fez isso pela feminilidade. Depois da guerra a mulher foi oprimida e tratada como estigma do pecado... Na época que Jesus

realmente sou e não mudará”. Deus é muito bom e fiel!!! Sempre!!! (Texto extraído do site de divulgação do evento)

nasceu, na cultura judaica, o fariseu agradecia por não ter nascido gentil, escravo, nem mulher... As mulheres eram tidas como não confiáveis, não podiam nem testemunhar em um tribunal... Eram excluídas, não podiam aprender nem ter mérito religioso... A mulher não podia falar em público, pois sua voz era considerada sexual e envolvente... Foi nesse contexto que Jesus nasceu, o pecado entrou no Éden pela mulher e a salvação chega ao mundo pela mulher.

E é esse o sentido de resgate da feminilidade apresentado pela palestrante: uma liberdade a partir do cristo, que traz paz, a salvação e a redenção dos pecados. Assim, o lugar dessa mulher não é mais o lugar do estigma, de um ser de segunda categoria, servindo somente para ser mãe e esposa. A releitura apresentou que o resgate havia sido planejado para dar lugar à auxiliadora idônea que educa e que é confiante. O objetivo da mensagem foi apresentar mais uma interpretação do papel da mulher, fazendo então, analogias aos papéis da mulher nos dias atuais, com exemplos dessas mulheres: que são mães, psicólogas, chefes de empresas, donas de casa, e também idôneas.

Para finalizar disse que o plano original foi restaurado com a morte do cristo. Logo, o papel do pecado e do estigma devem ser deixados e o olhar deve se voltar para um levante de uma nova criatura, reconciliada ao plano original. Questões da posição da mulher na sociedade e sua função na organização familiar foram focos naquela palestra; *“tomem o lugar que Jesus libertou a vocês, não o lugar que o movimento feminista conquistou para você. Mas o lugar resgatado à homens e mulheres, sob o propósito de Deus. Florescendo e frutificando a feminilidade que Deus preparou para nós”*.

No ano de 2017, a palestrante Helena Tannure foi no segundo dia pela manhã, por ironia do tempo de deslocamento, me atrasei. Aguardando a chegada do ônibus para fazer o deslocamento, me conectei com as redes sociais e vi que o evento havia começado. As postagens instantâneas nas redes *Instagram*, *Youtube* e *Facebook* para muitos se torna a única forma de presença. No meu caso se tornou uma ampulheta me mostrando que o tempo estava passando e que meu “campo” estava lá acontecendo sem a minha presença.

Quando eu finalmente consegui chegar, Helena Tannure havia acabado sua palestra. Eu fiquei absolutamente sem chão por alguns minutos. A palestra dela no ano anterior surpreendeu não só a mim como também as mulheres. Pude perceber isso pelas reações de recepção em ‘améns’ e burburinhos aguçados. Passado o momento de lamentar, me

encontrava na parte interior do pavilhão ao lado dos estandes de vendas e ao meu redor algumas mulheres conversavam ou olhavam os produtos. Me aproximei de uma e disse:

- Bom dia, a Helena já pregou? Eu sabia a resposta. - Poxa, perdi..., sem querer abusar, você me conta um pouco como foi? E deu certo!

Muito solícita, aquela mulher de olhos firmes se tornou minha “colega-de-congresso” e em aproximadamente 5 minutos me contou que a mensagem serviu de alerta à mulher moderna para lidar com os desafios com sabedoria. Me contou que existe um feminismo feminino, que seria uma forma estratégica de usar a força feminina e que a história bíblica de apoio foi sobre Débora²³, instruindo então às mulheres lutarem pelas próximas gerações da nação. Agradei sua prontidão em me ajudar e comentei que havia encontrado a mulher certa, pois havia feito uma boa síntese. E ela logo se identificou: - *Sou uma pastora*. Percebi pela sua altivez no modo de falar que havia encontrado uma boa informante, e segui adiante com uma nova fórmula de abordagem. Entrei no espaço do evento e o momento era de adoração, onde as mulheres se encontravam orando, com mãos erguidas aos céus, alguns olhos transbordavam e a energia que regia os corpos era de devoção e amor. Numa outra investida estive diante de mais uma mulher solidária. Ela me contou que parte desta força feminina, citada na conversa anterior, se dava pela doçura. A outra “colega-de-congresso” abordou que o foco da mensagem foi a questão da ação estratégica.

Minha próxima conversa foi em meio ao intervalo, ainda no auditório. Assim como eu algumas mulheres ali permaneceram: algumas com marmitas, outras com lanches, ainda haviam aquelas que aproveitavam para esticar as pernas ou até tirar um cochilo. Me inclinei em direção a uma mulher que estava sentada próxima e sozinha, nossa conversa começou, comentamos sobre a programação da manhã. Com uma visão poética da vida, aquela mulher me contou que a mensagem ensinava determinada “sintonia para ouvir”, fluindo para uma profunda reflexão sobre a escuta ativa e compartilhando comigo sobre a necessidade de viver o dia-a-dia nesta sintonia. Continuando, criou algumas analogias para me passar o que havia acabado de apreender com a palavra ouvida. Ao se pôr como exemplo, me contou que para chegar naquele congresso ela havia se preparado toda a semana: - *Orar para preparar e a semente prosperar!* Me contou como Deus ensina

²³ Débora foi uma profetisa e juíza de Israel. Sua história se encontra no livro dos Juízes. Foi uma estrategista que ajudou libertar israelitas que estavam sob domínio de Canaã.

estratégias para viver, como é preciso ouvir para agir, e estar ali era exatamente o necessário para que ela alcançasse os frutos desejados. Me contou também, que estava recebendo respostas para a transformação ministerial dela, ela e o marido moravam na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro e a menos de um ano estavam morando na Zona Oeste do Estado. Completou dizendo que Débora foi uma mulher sábia que ouviu a voz de Deus para alcançar os objetivos em favor da nação de Israel, e o ensino foi um tipo de alerta para sermos como Débora. Gostei muito do olhar e sentidos que aquela mulher via nas coisas simples. E conversamos mais ao longo do dia.

Essas foram as noções trazidas pelas mulheres que abordei, e logo mais adiante, encontrei um vídeo não oficial postado no canal YouTube. Contendo somente uma parte da mensagem, Helena disse: *sou feminista!* Ela fez uma contextualização histórica e disse que a 1º onda do feminismo foi legítima, onde mulheres reivindicavam direitos, onde lembraram aos homens que tinham voz e que queriam liberdade para debater filosoficamente, queriam oportunidade. Relembrou sua mensagem do ano anterior onde reafirmava que este feminismo retoma o que Jesus já havia resgatado para as mulheres; posição, dignidade e direito.

Prosseguindo, ela afirma que a 2º onda do feminismo foi o problema que coincidiu com o movimento hippie e a liberdade sexual. Afirmou que a máxima “meu corpo, minhas regras” acabou com a feminilidade, onde as mulheres começaram a imitar os homens de forma negativa: as mulheres começaram a fumar, a mandar, a sentar de perna aberta, ter múltiplos parceiros. Afirmou que mulheres querem ter filhos, mas não querem ser mães. Ela acusou a 2º onda do feminismo pela confusão e conflitos de identidades e sexualidade do hoje, dizendo que se vive agora os reflexos de ações erradas e guiadas pelo diabo. A parte do vídeo que acessei é de alguma espectadora, e dava para ouvir que seus gritos de aprovações eram intensos, e a aprovação de Tannure estava em alta. Helena continuou afirmando que o ministério da mulher não é sinônimo de microfones nas mãos, mas sim a obediência à Deus. A mensagem afirmou a necessidade de construir uma geração de profetas para combater o vácuo que a 2º onda do feminismo deixou com frutos de hoje. Disse que é tempo de orar de joelhos pelas futuras crianças: *“Faraó se levantou contra a geração de Moises, Erodes se levantou contra as crianças no tempo de Jesus. Deus está levantando uma geração de avivalistas e o diabo estaria querendo matar essa geração de avivalistas através do governo estabelecido”*.

E a missão é a organização para uma geração de guerreiras, de intercessão, disciplinadas. Chamou um levante para que os filhos dessa geração não morram sob as espadas de Erodes ou Faraó. E brandiu pelos lugares que essa geração poderá conquistar. Foi aconselhado para que as mulheres se revistam com a armadura e acalmem o coração em relação as más notícias. Citou também a ideologia de gênero enquanto problema. Com o capacete da salvação, a couraça da justiça, com os pés do evangelho da paz, o escudo da fé. Ao vestir-se de Jesus, deve-se atuar com generosidade, com amor e com sabedoria. Helena afirma então que esta geração precisa de mães espirituais como Débora foi uma mãe espiritual de Israel. A comunhão foi entendida como arma: a oração, o joelho dobrado na madrugada, foram entendidas como armas para modelar o ambiente espiritual, seja dentro de casa ou fora. O jejum foi tido como um poderoso armamento, e em sua fala foi dito que se estamos vivendo em tempos de guerra, e é preciso lutar e guerrear. O plano educacional desenvolvido foi o da autonomia, uma leitura teológica que afirma a autoridade para todos. As instruções de como orar e como jejuar, foram aplicadas no sentido de como se deve manejar essas armas.

O chamado divino é uma missão para combater o diabo que está tentando matar uma futura geração inteira através do governo estabelecido pelos homens. Logo, a missão desta geração de mulheres deve estar atenta para guerrear, interceder e discipular. Essa missão para as mulheres pode ser encarada como um dever a ser cumprido, uma responsabilidade social ou até mesmo, uma prática de cidadania. Dando continuidade na convocação, aquelas mulheres falavam sobre a importância de mudar a imagem da mulher brasileira. Afinal, *o Brasil é do Senhor!* Nesse movimento de mulheres separadas e escolhidas, elas afirmavam que as mulheres brasileiras não serão mais taxadas como vulgares, não serão reduzidas aos tamanhos de quadris e bustos. A prostituição e objetificação dos corpos era demonizada e um alerta foi feito: *não se deve odiar a prostituta e sim a prostituição.*

O mais intrigante dessas impressões foram as diversidades de interpretações das minhas colegas de congresso. Minha interpretação de segunda ou terceira mão se voltou para questões específicas ao assistir o vídeo completo daquela palestra. Aquelas interlocutoras me relataram suas interpretações e sentimentos gerados por outros vieses, mas ao mesmo tempo com proximidades entre si.

Neste ponto em relação à construção do entendimento daquelas mulheres em relação às mulheres que se encontram em situação de prostituição, encontro uma fricção importante

de ser observado. A ideia de uma identidade nacional (brasileira) erotizada é difundida por narrativas, por produções fílmicas, e assim, uma imagem histórica foi densamente construída (Heilborn, 2006:44). Para a autora cada cultura adequa o uso dos corpos mediante às ideias dominantes naquela sociedade, num determinado momento histórico. O esforço desse grupo em abordar o tema da prostituição voltando o estigma para a negação da prática e não para os corpos dos sujeitos envolvidos, é um ponto de convergência com inúmeros movimentos que denunciam e recriminam essa “forma de profissão”. Ao perceber o enfoque do grupo para a espiritualização e transformação das noções da população, compreendemos que a solução se volta para o enfrentamento dos problemas. Estas mulheres estão sendo convocadas para uma responsabilidade social de um chamado divino.

Nina Rosas (2015) em sua análise buscou ampliar o entendimento da atuação dos evangélicos na esfera pública a partir da música e sua corrente doutrinária, trazendo para o debate a Teologia do Domínio observou algumas intervenções sociais do ministério *gospel* “Diante do Trono”. A noção de batalha espiritual, que complementa a teologia utilizada pelo grupo, configura as ações desses atores voltados para a guerra. O inimigo que deve ser eliminado, combatido e contido, está presente no plano social cotidiano. A guerra contra o demônio e as mazelas desse mal desperta o alerta da relação entre a cultura religiosa em nosso país e o estilo religioso que fornece a ênfase à guerra espiritual (Mariz, 1999). A junção doutrinária da dominação e confronto estrutural da batalha espiritual, por exemplo, são os eixos que movem a manifestação pública dos evangélicos na esfera social atual. Elementos dessa cosmovisão justificam a organização social e religiosa desses atores perante o reino dos homens aqui na terra, e o plano do reino do céu estará se cumprindo.

2.4 A cura como questão: física, espiritual e emocional

Entre o universo de disciplinamento e ordenamento, se fazem presentes debates a cerca da cura. Entre palestras já citadas, pôde ser observado o imperativo de ordenar o fim do mal sobre as vidas das mulheres. Entre esse universo de combate, a questão estética tem sido uma aliada para estruturar a ideia de uma auto estima das mulheres. É comum ouvir de palestrantes que a mulher evangélica pode e deve se cuidar, se maquiar, malhar, afinal,

cuidar do corpo é cuidar do templo do espírito santo. Uma resposta direta às ordens doutrinárias que limitavam/limitam mulheres a não se envaidecer. A vestimenta da mulher cristã pentecostal é uma temática divergente. Mafra (2001) apresenta algumas características que segundo a autora, assustavam a burguesia católica e evangélica. Pois nas igrejinhas pentecostais que se multiplicavam pelas cidades e interior do Brasil, uma gente humilde se reunia, e se vestiam segundo o molde dos missionários suecos: terno para os homens, vestidos longos e cabelos compridos para as mulheres. Esse foi o padrão por algumas décadas, e continua em algumas denominações. Mas, nestes tipos de movimento com mulheres falando para outras mulheres, pode ser visto uma busca pelo modelo de beleza que visa um certo padrão estético de *glamour*.

Para complementar os temas abordados, compartilho um pouco do conteúdo que tive acesso pela internet, como o projeto “Corpo Sarado, Mente Sã” apresentado na “Conferência Profetizando às Mulheres 2015”. A proposta era oferecer uma alternativa para os cristãos se exercitarem em suas casas e/ou academias voltadas para o público evangélico. As faixas contêm mensagens de fé e auto estima, o CD é em ritmo eletrônico. Por não conhecerem músicas cristãs para exercitar e criticarem os hits existentes, o casal acredita que essa seja uma saída, voltando-se para a lógica da necessidade de se cuidar do corpo, que é templo do espírito santo e precisa ser saudável.

Ainda em 2015, Emerson, foi responsável por uma palestra, e a temática era sobre a relevância da mulher na edificação da obra divina. Segundo o pastor, o ministério de mulheres tem futuro e é o projeto do casal. Ao iniciar sua palestra apresentou sua mãe, contou que há 35 anos ela é missionária do Morro do Juramento. Sua mãe foi uma mulher sem preocupação com títulos, mas ativa na obra: com disposição para pregar, expulsar demônios, orar por enfermos, fazer assistência social. Emerson chamou atenção para a importância de as mulheres descobrirem o tempo de Deus em suas vidas, afirmando que o poder divino pode mudar as histórias, os sofrimentos e como o Cristo é a resposta para tudo. Chamou as mulheres para descobrirem quem elas são em Deus, afirmando que não é necessário ter título e sim, o chamado.

Em 2014, primeiro ano da conferência, Fernanda ao chamar a pastora Helena Raquel, a anunciou enquanto uma revolucionária que tem levado ao Brasil mensagens da palavra sagrada com muita sabedoria. Chamou o espaço de primeiro tempo de uma conferência profética, afirmando que ali não era um entretenimento ou lugar para fazer ‘coisas de mulherzinhas’, mas sim, lugar para estudar a palavra.

Então, a pastora Helena Raquel²⁴, foi bater sua carteirinha no evento de 2017. Presente nas quatro edições, mais uma vez começou apresentando seus produtos e anunciando que seu estande estava com novidades: uma coleção de blusas temáticas. Neste ano a variedade dos produtos se davam pelas marcas e não pelas mercadorias, blusas, acessórios, livros, CDs e DVDs, essas eram as opções. Entre as blusas da marca Helena Raquel, “Eu perdoei” foi o tema que mais vi circulando. Algumas mulheres compravam e já vestiam seu auto presentes. O tema de sua fala foi sobre cura e o perdão esteve relacionado à questão da cura, pois para se escolher viver a ação necessária é olhar adiante. A palavra depressão não foi utilizada em momento algum, as palavras usadas eram: - *Não durma mais que o necessário!* - *Não adiante sua morte!* - *Nada de remédio!* - *Deixe o sol entrar pela sua janela, escolha viver!* E em uma analogia com a caverna, Jesus foi colocado como o amigo fiel que mesmo em meio à escuridão seria o único a permanecer lado-a-lado. Para a palestrante, nem terapeutas, nem amigos se encontram ao lado, mas olham de fora. Não diferente do mito da caverna, ao sair da escuridão deve-se encontrar a luz, mas neste caso, a luz da verdade é a divindade: *então saia da caverna para dialogar com Deus!*

Em outro momento a programação seguiu e então a ministração de cura, ou seja, aquela foi a hora separada em que os pedidos de cura das diferentes doenças físicas e emocionais foram tratados. A pastora que direcionou aquele momento foi Selma Cantagalli²⁵, que com muita autoridade, brandiu a batalha espiritual. Do palco uma lista de sintomas e tipos de doenças começou a ser enumerada. O convite era para que cada mulher que se identificasse descesse para receber unção de óleo ungido. Em fração de minutos uma multidão se encontrava aos pés do palco, neste momento retiraram as grades de contenção para que a proximidade fosse alcançada. As equipes de apoio se misturaram, algumas se encontravam em meio às pessoas, orando, abraçando; outras faziam um cordão humano para impedir que fãs aproveitassem para furar o limite e entrar no palco; outra parte das

²⁴ Pra. Helena Raquel, membro da Assembléia de Deus de Vila Pacaembu, Queimados – RJ, casada com o Pr. Eleomar Dionel. Iniciei meu ministério como pregadora aos 14 anos, desde então as mensagens que Deus me confiou tem alcançado milhares de vidas em festividades e congressos, sempre marcados com uma palavra revelada por Deus. Fundei ao lado de meu esposo e de meu pai a Assembléia de Deus de Vila Pacaembu (ADVIP), filial da Assembléia de Deus de Três Corações e desde então venho desenvolvendo um ministério de liderança eclesiástica, sobre tudo à frente da UFADETEC (União Feminina da Assembléia de Deus de Três Corações). Além da participação frequente nos debates na rádio 93,3 FM, meu ministério destaca-se, também, por um culto semanal que dirigo há 18 anos e que tem um histórico de muitos milagres, avivamento e salvação. Sou mulher e isso é maravilhoso! (Texto extraído do site de divulgação do evento).

²⁵ Idealizadora do seminário Mulher Total, voltado para treinamento de lideranças femininas, criado em 2010. Pertence a Igreja do Evangelho Quadrangular.

equipes continuavam pela arquibancada organizando e também fazendo a contenção das espectadoras que por ali permaneceram.

Lá em baixo, durante o ritual²⁶ da cura com óleo ungido, algumas mulheres caíram no chão. Havia lenços brancos nas mãos da equipe que se misturou na multidão e esses serviam para cobrir os corpos estendidos. No palco era dito que algumas estavam caídas pelo excesso de poder do espírito santo e outras estavam sendo libertadas, ora de espíritos ruins ou de doenças. Muito choro, muito barulho, mãos para cima, pés sendo batidos...

Outro momento marcante, também em 2017, foi quando reencontrei uma de minhas colegas de congresso do dia anterior e nos sentamos juntas. Já era a parte da tarde de sábado e no palco acontecia o “Papo de Meninas”, que neste ano se concentrou em apresentar a importância da mulher se encontrar profissionalmente e ajudar o próximo onde quer que esteja. Uma cirurgiã plástica, uma cantora e estilista, uma médica intensivista/CTI e uma psiquiatra. Entre os temas abordados estiveram: a estética como cura da baixa autoestima para mulheres que superaram um câncer: a escolha da carreira profissional não ter idade, o trabalho que lida com morte também lida com vidas: terapias são essenciais para lidar com as dificuldades do cotidiano. Cada uma se identificou enquanto profissional cristã que atuam na vida profissional guiadas pela vida espiritual, afirmaram que a fé as acompanha e que, por vezes, utilizam sua atuação secular para levar a mensagem da fé cristã.

O aniversário de 500 anos da reforma foi aludido no sentido de remontar o protestantismo moderno com caráter do originário. E a mensagem era clara: onde quer que estejam, falem e sejam como o cristo. Em dado momento a intensivista relatou um caso de perda na ala do CTI que comoveu toda a equipe. Ela contou a história com detalhes... A psiquiatra deu continuidade e construiu algumas analogias para a questão da cura pelo luto²⁷, mensurou a importância dos símbolos da despedida e como é necessário passar pelas etapas da perda de um ente querido.

Em seguida a cirurgiã anunciou que estaria sorteando reconstrução para mulheres que haviam passado pela mastectomia e também solicitou que nós olhássemos os assentos, pois haviam brindes distribuídos. O entusiasmo da mulherada foi contagiante. Minha

²⁶ Ritual como abordagem ou ferramenta da ação. Peirano, 2006.

²⁷ O luto pelo Matheus, filho da Eyshila foi mencionado e a psiquiatra em questão acompanhou familiares, incluindo a Fernanda.

colega de congresso foi premiada. No intervalo ela me chamou para irmos no *estand* para validar seu brinde, e aceitei. Ao chegarmos no *estand* fomos bem recebidas com muitas demonstrações de cremes, hidratantes e sabonetes. Ela agendou sua consulta de avaliação com a cirurgiã: havia ganhado uma aplicação de Botox. Até então, ela disse que nunca tinha imaginado fazer um preenchimento, mas logo encontrou umas bolsas nos olhos que poderiam ser melhoradas.

Como boas colegas, ela me acompanhou até o banheiro que se encontrava um pouco congestionado, e me esperou do lado de fora. Ao sair ela estava com duas outras mulheres e me apresentou: - *Essas são minhas colegas que conheci no primeiro dia!* De fato, ela era boa em fazer amizades, duas no primeiro dia, eu no segundo, e lá estávamos as quatro no último dia. Ali mesmo, ao lado do banheiro elas conversavam sobre as impressões do evento. As duas amigas paulistas estavam, segundo elas, impactadas com todo o aprendizado. Uma disse que foi a melhor escolha feita no ano, contou que o marido não estava muito satisfeito com aquela ida dela, mas que ela teria ido até mesmo sozinha e que tinha sentido que Deus tinha algo reservado para ela. Com os olhos marejados ela compartilhou conosco que tinha perdido a mãe no ano anterior e os ensinamentos sobre o luto como cura lhe haviam curado. Foi um momento muito comovente, nós quatro nos envolvemos com a importância daquele sentimento que estava sendo compartilhado. Nos abraçamos. Com sorrisos e palavras de conforto, partimos rumo aos respectivos lugares. E com um evidente tom de descontração, a outra paulista falou que o mais estranho do evento eram os gritos, como: - *Eita Deus, tu és lindo!*; - *Obrigada Deus!*; - *Aleluia!*. Os exemplos foram enfatizados por ela própria e os risos por nós todas. As paulistas são de uma Convenção Batista Brasileira, ou seja, linha doutrinária diferente do pentecostalismo.

Neste capítulo, foram tratadas questões a cerca do poder que tem sido atribuído às mulheres, em forma de projeto que atendem diretamente necessidades pessoais e coletivas. Esse atendimento de modo interdenominacional alcança eficácias de bem-estar comum nestes sujeitos envolvidos. Sob a cosmovisão da salvação do mundo espiritual e material, a redenção do espaço público e problemas sociopolíticos tem sido acionada como missão dessa geração de evangélicos brasileiros. E é através das mulheres que esse projeto tem ganhado uma dimensão de expansão, pois a ideia de gerar uma nova geração, com novas práticas e condutas, encaixa com o ideal materno de gerar. A “Conferência Profetizando às Mulheres” é entendida como uma produção cultural, que abrange

diferentes elementos desse projeto que almeja a transformação a partir de um programa pedagógico. Também foi abordado o movimento de transformação que o pentecostalismo acionou ao incluir a participação da mulher na política institucional.

CAPÍTULO 3: MINISTÉRIO RELIGIOSO E AÇÕES POLÍTICAS

Foi a partir da “Conferência Profetizando às Mulheres” que redes e articulações políticas puderam ser observadas. Alianças consolidadas no palco em cerimônias ou com participações de cantores, palestrantes, e até mesmo figuras públicas que estiveram presentes entre os convidados. Nesta produção o Ministério exerce uma posição de cooperação entre os projetos de transformação que estão em curso no segmento.

O objetivo deste capítulo é apresentar os arranjos e disposições dos atores que vem construindo o quadro de projetos políticos e sociais entre diferentes denominações evangélicas.

Cabe aqui apresentar em detalhes como se deu o último dia da conferência de 2016, o lançamento do DVD “Da Eternidade” em terras brasileiras.



Figure 6: Solenidade 2016, imagem extraída do vídeo

O momento se expressou como uma solenidade, onde o casal anfitrião homenageou alguns dos elementos fundamentais para a realização do novo trabalho audiovisual. Este DVD foi gravado ao vivo em Israel, em maio de 2016, contou com uma caravana de 60 pessoas que saiu do Brasil e, lá alguns convidados se juntaram ao evento. Nesta cerimônia, Fernanda e Emerson apresentaram as referências de cada pessoa que seria homenageada. Convidados ao palco, representantes da Federação Israelita do Estado do

Rio de Janeiro, o pastor Everaldo²⁸ (PSC), o deputado Arolde de Oliveira²⁹ (PSD) e professor Luiz Sayão, se juntaram ao casal.

Emerson tomando a frente do discurso, elucidou em tom introdutório a importância das relações corretas de jeito que devam ser tomadas como cimento para bons resultados. Para ao fim serem alcançados bons feitos, se torna mais necessário o cimento que os tijolos, pois uma parede somente de tijolos não se sustenta. Apresentando-os como conexões corretas, essas pessoas homenageadas eram as relações que possibilitaram a sustentação do projeto. O conselho final foi: ande com pessoas que joguem água nos seus medos e gasolina em seus sonhos.

Ao apresentar o professor Luiz Sayão³⁰, citou o quanto foi importante seus conselhos de perseverança. Colocou-o na posição de inspiração da nação, um amante de Israel e teólogo sensível. Emerson então passou o microfone para Fernanda, pondo ela na posição das entregas das placas, mas por estar com as placas nas mãos, ele a acompanhou segurando o microfone e auxiliando. Fernanda, então, iniciou agradecendo ao Arolde, o chama pelo nome e comenta que os longos anos de caminhada juntos já permite a ‘quebra de protocolo’ da formalidade. Em seguida agradece o Everaldo pela viabilização deste projeto, e contextualiza a relação proximal entre Everaldo e sua família, contando então, que seu pai e Everaldo foram criados por mulheres melhores amigas, suas respectivas mães. Agradece a Deus pela amizade, e celebra por estarem ali juntos homenageando Israel.

Em seguida se desculpa pela ordem das placas, dizendo que não sabia como sua produção havia organizado, em um tom de descontração, mais uma vez pedia que a quebra de protocolo não fosse reparada. A primeira homenagem e entrega de placa, foi para o diretor de relações institucionais da FIERJ, por investir de maneira significativa no ministério e na cultura brasileira, tendo por objetivo firmar um laço de amizade entre o Brasil e Israel através deles. Disse almejar um novo tempo entre as nações, estava contida na placa essa afirmativa. O presidente da FIERJ 2016 e vice-presidente CONIB, recebeu sua placa de

²⁸ Empresário e político brasileiro, é presidente do Partido Social Cristão (PSC), pelo qual foi candidato ao cargo de presidente da República em 2014, e um importante nome da Assembléia de Deus.

²⁹ Além de presidente da MK Music, político brasileiro de diferentes partidos desde a década de 80. Na época da solenidade estava recém filiado ao PSC, mas atualmente voltou ao PSD.

³⁰ Linguista, hebraísta brasileiro, columnista, pastor da Igreja Batista Nações Unidas (São Paulo/SP), e também, tradutor da Bíblia, tendo coordenado a publicação da Nova Versão Internacional, entre outros projetos.

homenagem pelas mãos de outra autoridade da federação, mas a homenagem foi prestada e registrada. O embaixador de Israel não estava presente, mas foi agradecido pela relevância de atuação em sua área e, por investir diretamente na cultura e na música brasileira. O atual presidente da FIERJ 2017 esteve presente na homenagem e pediu oportunidade de fala, confirmando então, *a aliança inquebrantável entre o Brasil e Israel*.

Contou a todos que foi um brasileiro que declarou o Estado de Israel na ONU, em 1947, o chanceler Oswaldo Aranha, então presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas. Em seu discurso, o presidente da FIERJ, mostrou a importância do momento político global dizendo que Israel e Jerusalém são indivisíveis, desconsiderando organismos internacionais que não compreendem a relação de outros povos com Jerusalém. Considerou Jerusalém como capital do mundo, capital da paz. Declamou então, uma canção em romeno como reflexão para o momento:

Hinei ma tov umanain
shevet achim gam yachad.

Como é bom que os irmãos
estejam todos juntos.

Em seguida, Arolde e Marina de Oliveira – sua filha, produtora artística da empresa e amiga de longa data da Fernanda, foram homenageados em nome da empresa MK Music. Marina ainda não estava no palco e foi chamada, Fernanda também chamou sua filha Laura. Arolde agradeceu, e voltou a atenção para características do ministério do casal, afirmando que aquele não é um ministério somente de louvor, mas sim um ministério que transcende a cidade do Rio de Janeiro e o Brasil. Afirmou que as duas décadas de contrato, são tidas como uma parceria e se sente privilegiado por compartilhar os projetos. Em suas palavras, “um compromisso com o reino de Deus e da MK”.

Arolde, pediu para os espectadores do álbum gravado em Israel fossem além do áudio visual, pois ali estava uma produção de história e arte da humanidade. Para além dos profissionais de alto nível, além da presença de autoridades como o ministro de turismo de Israel na gravação, além da construção intelectual e de referências como o teólogo Saião, considerado um dos maiores conhecedores da história do judaísmo e cristianismo. Sua fala teve um sentido de chamar a atenção para se observar por de trás do embalço espiritual, onde um resgate das raízes histórica e cultural do povo, um resgate de valores éticos e morais dos tempos antigos, do antigo testamento, até o novo testamento. Definiu que significado deste álbum seria a reconstrução. Reforçando uma causa maior, a

restauração dos valores que veio desde o judaico-cristianismo e que ocupou o mundo através da diáspora e do cristianismo oficial do império romano. Afirmou então que somos fruto desta história.

Marina também teve sua oportunidade de fala, agradeceu, elogiou, e assumiu que enquanto viabilizadora comercial desacreditou do projeto. E em forma de testemunho, relatou que errou e queria assumir perante a todos, disse também que no próximo ano estará no Profetizando às Mulheres como obreira, para ser abençoada e não somenteabençoar. Entregou um buque de flores para Fernanda em nome da produtora, ritual de tradição em lançamentos de DVDs, segundo ela.

Realizadas as homenagens, o pastor e professor Luís Sayão, teve uma oportunidade de fala. Com o objetivo de mostrar o impacto da representação do “Ministério Profetizando às Nações”, construiu uma analogia com a concepção hebraica da realidade. Em seu discurso, lembrou como foi a revelação de Deus aos patriarcas de Israel, eles deveriam ser luz das nações.

“Os povos da terra que estavam dominados por violência, paganismos e loucuras, foram atingidos e conheceram o Deus único. Mais tarde surgiu um rabino na galileia que começou a falar sobre os propósitos de Deus e sobre as escrituras e, seu movimento transbordou atingindo as nações. Os judeus, irmãos mais velhos, por uma série de circunstâncias tristes se separaram, mas a esperança dos verdadeiros seguidores do rabino Jesus, é que quando o reino de Deus se aproximar, todos os irmãos estarão juntos de novo.” Encerrando seu ensinamento, claramente emocionado, enaltece sua fé no Deus de Israel.



Figure 7: Devoção à Israel, imagem extraída do vídeo

Everaldo também fez sua fala, pediu que a equipe de suporte técnico colocasse no painel uma imagem de Israel, para realizarem uma oração. Descreveu o caminho da sua contribuição ao projeto, afirmando que o Arolde sob pedido da Fernanda, ordenou a ele para que fizesse uns contatos, e ele acatou. Fez questão de ressaltar a situação do grupo de angolanas que ficaram presas no aeroporto, por problemas com o visto, e ao receber a ligação solicitando ajuda, ele prontamente “fez seus contatos” e tudo se resolveu. Everaldo ao finalizar o momento chamou Isaac, filho do casal, para fazer uma oração em hebraico. Em um ato simbólico de tradição, Everaldo solicitou que todos erguessem suas mãos em direção a imagem de Israel no painel, clamou pelo país, pelo combate nos conflitos, pela paz, pela solução e pela benção de Deus por estarem na posição de uma nação que clama e apoia Israel.

3.1 Evangélicos na política

Até a década de 1970, vigoravam dois comportamentos políticos básicos nesse meio religioso: o dever de votar no governo e, salvo raras exceções, não se envolver com política [...]. Esses religiosos eram tidos como alienados e sua religião como alienante, pelo apolitismo, pela rejeição encarniçada ao comunismo, pelo apoio à Doutrina de Segurança Nacional, pelo frequente apoio às autoridades políticas constituídas e por sua total ausência na luta pelos direitos humanos e pela democracia. (MARIANO, 2011: 250)

Essas características foram deixadas para trás, e um inusitado ativismo político tomou conta das estratégias do segmento. Com a alegação de defesa dos interesses institucionais e seus valores morais, propuseram-se as tarefas de se posicionarem no Congresso Nacional. Para o autor, a desprivatização (ou publicização) desse movimento religioso se deu por intermédio do empenho de candidatos, partidos e governantes, que auxiliaram nesse jogo político-partidário. “Tamanho empoderamento político desse grupo religioso só foi possível graças ao fato de que os principais partidos laicos do país, seus candidatos a cargos legislativos e executivos e seus governantes têm procurado, a cada pleito, estabelecer alianças com e cooptar o apoio eleitoral dos evangélicos, na tentativa de transformar seus rebanhos religiosos em rebanhos eleitorais” (Mariano, 251:2011). Nessa perspectiva, o ativismo político-partidário de grupos religiosos e a ocupação religiosa da esfera pública tem sido instrumentalizada pela cultura política nacional, exatamente nessa

relação mútua entre religião e política que os dirigentes partidários e os grupos religiosos construíram.

Entre a lógica da ocupação dos evangélicos na esfera pública, pode ser observado a colaboração do associativismo local. Regina Novaes (2001) nos convida para a compreensão de alguns efeitos analisados com base em pesquisas referentes aos desdobramentos da presença dos evangélicos na esfera pública. O predominante foi o efeito de agregação social e ajuda mútua.

Em síntese: os evangélicos são os que mais chegam às margens da sociedade. Chegam a lugares onde nenhuma outra instituição civil ou religiosa ousa se aproximar. Essa presença, nas margens periféricas da sociedade, representa um expediente de ordenação social. Mesmo sendo explicada por “falta” (de presença do estado, de educação cívica, de emprego, etc.), chega a produzir alívio, sobretudo em autoridades políticas responsáveis pela segurança pública. Porém, como os pentecostais não estão apenas nas margens- estão também no centro, isto é, nos meios de comunicação e no Parlamento -, também causam preocupação. (NOVAES, 2001: 73)

No livro “Religião e Política” (2017), é apresentada como a trajetória do pastor Everaldo demarcou na história nacional a primeira candidatura confessional protestante. Ao se lançar como presidenciável, os jornais anunciaram a formação do que foi chamado como um “bloco evangélico”, uma tentativa de convergência de votos de evangélicos em sua candidatura. Esse bloco seria composto por membros de diferentes denominações sob a coordenação de lideranças ligadas predominantemente à igreja Assembléia de Deus. Os autores destacam que um plano partidário-religioso estava estabelecido, entre partidos (PRB e PSC) e entre denominações (principalmente a IURD e AD). O programa de governo de Everaldo era “baseado na defesa da família”, o respeito a “princípios civilizatórios consagrados”, composto por três eixos: qualidade de vida, poder nacional e governança.

Em 2001, Regina Novaes ressaltou a importância de se analisar as chances de candidatos evangélicos a prefeito, governador ou presidente da República, a partir do quadro partidário das possíveis alianças e dos diferentes perfis do eleitor brasileiro em geral e evangélico em si. Ao buscar avaliar o impacto do clientelismo político e proselitismo, se torna também necessário fazer a avaliação do impacto do chamado “voto evangélico” na chamada “cultura política brasileira”

Como votariam esses leitores-cidadãos brasileiros-evangélicos se não votassem nos candidatos indicados por suas igrejas? No geral, quando não se faz essas perguntas, relaciona-se esses votos – religiosamente motivados – com um “retrocesso” da democracia republicana. É como se “os evangélicos” tivessem chegado para desmanchar sólidas e generalizadas práticas de participação democráticas preexistentes. É como se a maioria de nossos eleitores votasse de acordo com os preceitos cívicos contidos nos manuais da ciência política levando em conta programas e partidos. Será o “fundamentalismo evangélico” o vilão que está nos distanciando da República de nossos sonhos? (NOVAES, 2001: 76)

E ainda se faz necessário reforçar o baixo índice de participação de brasileiros em partidos, sindicatos e associações civis. Logo, no período eleitoral é nas Igrejas Evangélicas que são encontrados altos índices de frequência, sendo vistas como celeiros de eleitores congregados.

Para Ronaldo Almeida (2017), os evangélicos ascenderam demograficamente, produzindo canais políticos no Legislativo e no Executivo. Essa demarcação expressa a capacidade de indução do voto. Esta capacidade é maior que em qualquer outra religião no país. O autor apresenta quatro linhas centrais que nos auxiliam a compreender a conjuntura atual e a presença participativa evangélica, como religião pública, nomeando como “onda conservadora”. Entende-se como linha econômica, posições e esforços individuais que se opõe a políticas públicas e sociais de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família entre outro. Se valoriza o esforço próprio, e até se incentiva a busca pela prosperidade e ascensão como forma de sinal divino. Sob a visão da Teologia da Prosperidade podem ser encontrados cursos para empresários e empreendedores.

Se no nível individual o discurso religioso procura gerar disposição para o empreendedorismo, no plano da política institucional, muitos agentes políticos evangélicos militam declaradamente por uma agenda liberal. Na campanha presidencial de 2014, o candidato Pastor Everaldo, com 0,75% dos votos, fez o discurso que combina menor presença do Estado na economia e mais regulação jurídica da moralidade pública. O então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, foi protagonista na aprovação, em primeira instância, do Projeto das Terceirizações, que contou com o voto da Frente Parlamentar Evangélica. (ALMEIDA, 2017: 16)

Outra linha que o autor abrange é a moral. A disputa pela moralidade pública no Brasil esbarra no debate em que as religiões cristãs demarcam suas posições sacralizando o papel da família e da reprodução da vida. O protagonismo do conservadorismo moral religioso nos últimos anos têm sido os evangélicos pentecostais. Entre os debates, conquistas e lutas pelos direitos civis que viemos enfrentando durante o período recente de democratização, pode-se afirmar que os conservadores (católicos e evangélicos) são os que mais buscam a contenção dos avanços do secularismo nos comportamentos e nos valores morais.

Com força política, econômica e demográfica, as pautas de ordem moral têm sido canalizadas de forma mais contundente no Poder Legislativo - algo relativamente recente. A entrada dos evangélicos na política institucional nos anos 1980 visou mais à canalização de recursos para a rede religiosa (isenção de impostos e concessões de meios de comunicação) do que uma ação contundente no sentido de maior regulação dos comportamentos (sexuais e reprodutivos), dos corpos (transgênero e pesquisas genéticas) e dos vínculos primários (casamento e adoção gays). Mas, desde 2013, após negação entre o Governo Dilma e o PSC, a Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara dos Deputados (CDHC) – historicamente associada a temas relativos às questões indígenas, agrárias, imigratórias, de violência no campo e na cidade etc. – tem sido um dos palcos da ação de religiões cristãs com o intuito de regular e restringir a moralidade liberal e laica. (ALMEIDA, 2017:18)

Entretanto, é importante não generalizar os evangélicos pentecostais. Porém, o autor afirma: em todas as eleições majoritárias nas quais há evangélico participando a religião é tematizada.

A linha securitária, está voltada para a força do sistema político e encontra considerável apoio popular. Refere-se a movimentações políticas, demandas coletivas, medidas governamentais, aquelas que devem conotar a postura e ações repressivas e punitivas dos aparelhos de segurança do Estado.

A demanda por segurança amplia a oferta de serviços privados, que não raro são prestados por agentes públicos. A crescente candidatura de Jair Bolsonaro do PSC (ligado à Assembleia de Deus Ministério Madureira) à Presidência da República é a principal, mas não única, expressão dessa linha de força. Se na dimensão da moralidade a categoria conservador se sobrepôs a

fundamentalista, em relação às concepções políticas a categoria de acusação é fascista. (ALMEIDA, 2017:22)

O autor ao longo do artigo aborda o modo que categorias são construídas no embate público, pautados pelos meios de comunicação mais hegemônicos. O fundamentalismo é compreendido como uma categoria política de acusação, termo esse utilizado contra os evangélicos. Essa imagem tem sido veiculada a partir dos que falam em nome dos evangélicos, entre eles o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que atua em movimentos a favor das restrições dos comportamentos e até mesmo, da criminalização da população. Um jargão muito popular na rádio FM 97,5³¹, proferida diariamente pelo Eduardo Cunha - “*Afinal de contas, o nosso povo merece respeito*” – o consolidou enquanto figura porta voz dos evangélicos como um todo.

Se o discurso evangélico pentecostal não justifica votar para diminuição da maioria penal, ele também não se configura como discurso religioso contrário como, por exemplo, o vinculado a setores progressistas em sintonia com o discurso dos direitos humanos. Não é possível afirmar que nessa linha de força a atuação parlamentar evangélica seja expressiva como a relativa à moralidade. Mas ela tem servido no mínimo como linha auxiliar dos interesses dos aparelhos de segurança pública (como as corporações policiais e militares) e privada (empresas). (ALMEIDA, 2017, 23)

A linha interacional, está voltada para a qualidade e intensidade das interações sociais em situações de antagonismo político. O ator delimita um ponto de partida para a crise política que o país vive, pelo menos desde as manifestações de junho de 2013.

Na conjuntura atual, muitos brasileiros – pelo menos entre aqueles que acompanham com maior atenção a política nacional – têm experienciado, por um tempo prolongado, cisões entre opiniões e posições políticas e morais que têm tensionado alguns laços de amizade, de trabalho e familiares. Em especial, as redes sociais na internet potencializaram ainda mais as tensões interpessoais em torno de temas políticos e morais. (ALMEIDA, 2017: 23)

³¹ Rádio Melodia, a primeira emissora em FM a transmitir programação 100% evangélica no Brasil.

Entre a “onda conservadora” e os conflitos interpessoais, temos manifestações as ocupações das ruas com a presença dos evangélicos e suas bandeiras de reivindicações. Em 2013, o jardim do Congresso Nacional, uma multidão se reuniu para uma manifestação pacífica, pela liberdade religiosa. Em matéria³², a organização do evento estimou 70 mil participantes, a Polícia Militar, estimou 40 mil. O evento foi organizado pelo Silas Malafaia³³ e reuniu lideranças de diferentes denominações e diversos artistas do *gospel*. Incluindo Fernanda Brum, com sua música Gigante do Amor:

Ôôô Brasil, povo vencedor
Ôôô Brasil, gigante do amor
Ôôô Brasil, confia no Senhor
Que brilhe o verde da esperança
Na nação que pertence ao Senhor Jesus
Que brilhe o verde da esperança

Na nação que pertence ao Senhor
Todo brasileiro vibra com o futebol
Todo brasileiro chora com o desamor
Quem é brasileiro não desiste nunca
Quem é brasileiro tem que ser batalhador

No Brasil tem copa, tem paixão, tem alegria
Tem estádio novo, tem gente sem moradia
Tem gente estudada roubando da educação
Mas tem gente orando pelo bem dessa nação

É gol!
Tirar criança da rua, é gol!
Compartilhar com quem não tem, é gol!
E a torcida tá vibrando, ta pulando
Nesse lance que é show de amor
É gol!
Combater a violência, é gol!
Ver a justiça sendo justa, é gol!
Quem tá torcendo pelo Brasil grita: É gol!

Boa parte do pensamento social sobre o Brasil ancorou-se em conceitos como o de cordialidade, mesmo com sua violência não explícita (Holanda, 2006); de sincretismo que definiu a relação entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo (Bastide, 1971); ou de acomodação, que pautou o debate sobre a entrada do

³² Disponível em <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/evangelicos-protestam-pela-liberdade-religiosa-em-brasilia.html>> Acessado em 18 jul. 2018.

³³ Pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, empresário e dono da editora Central Gospel e vice-presidente do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB).

pentecostalismo ao país (Willems, 1967). De certa forma, os diferentes conceitos pressupõem ajustes, negociações, arranjos, em síntese, mediações. No entanto, os termos guerra e intolerância têm sido a tônica de algumas relações inter-religiosas e de confronto de posições políticas no Brasil contemporâneo. (ALMEIDA, 2017:25)

3.2 Mulheres Evangélicas e a Política (masculina) formal

Campos Machado (2001), elaborou um levantamento sobre as tendências que estavam em curso no campo confessional brasileiro na década de 90. Naquela análise, a autora compilou que uma fantasiosa competição religiosa entre os pentecostais e neopentecostais existia, mas evidenciou o esforço de ambos em expandir a capacidade de influência na esfera pública.

Assinalando algumas das estratégias traçadas pela Igreja Católica na busca de poder e legitimidade, os líderes da Assembléia de Deus e IURD estão ampliando suas atividades para além da religião investindo no tripé: Mídia/Política/Filantropia. (MACHADO, 2001: 148)

Entre algumas das questões levantadas pela autora, se encontram os investimentos na área da informação e o empenho na eleição de representantes dos grupos religiosos no poder político. Nesta análise também foram consideradas as tendências de flexibilização dos costumes e da moral, onde estratégias de recrutamento das/dos fiéis estavam sendo remodelados através da influência da mídia eletrônica. É sob essas dimensões em desdobramentos que podemos encontrar hoje movimentos que agregam um conjunto de fatores com capacidade de influência na esfera pública brasileira. A autora visualizava tendências, hoje podemos codificar as práticas.

A “Conferência Profetizando às Mulheres” tem se apresentado como uma das formas dessa mediação entre as ações religiosas, a política formal e a inclusão da mulher evangélica em uma posição antes denegada. Minha preocupação se volta para o debate de representação ou extra-representação da mulher evangélica na política brasileira. Celi Pinto (2001) faz um levantamento do processo de consolidação da “bancada feminina” composta no congresso nacional, onde uma coordenação pluripartidária organiza uma pauta de prioridades para assegurar projetos de interesse das mulheres. Com base nesta perspectiva, a autora desenvolve um raciocínio entre as noções de participação-

representação de grupos. Afinal, um grupo se sente representado através de um processo de construção de uma identidade.

(...) a luta das mulheres é pela representação de mulheres, que são mais da metade da população brasileira, ou pela representação de mulheres que se constituem politicamente como tal? Essa distinção é fundamenta na discussão do espaço da participação política. A primeira situação diz respeito a uma situação estrita de justiça numérica na representação, a segunda ao significado político da participação. Essa questão não é de fácil resolução: por um lado, parece adiantar pouco para as mulheres (ou para qualquer outro grupo nessa mesma situação) eleger muitas mulheres que não tenham nenhuma compromisso com as causas defendidas pelo feminismo, por outro, entretanto, a pergunta que se impõe é a de que, se homens de todos os matizes ideológicos, de todas as posições sobre os mais diversos temas podem ter assento no Legislativo, por que só as “mulheres conscientes” mereceriam esse privilégio. (PINTO, 2001: 107)

Neste trabalho, a autora está apresentando os “Paradoxos da participação política da mulher no Brasil”, abordando os efeitos da presença de um conjunto de propostas e práticas defendidas pelo feminismo que insere a mulher em circuitos da vida pública. A participação da mulher na política institucional, mesmo sendo baixa, se faz presente no que diz respeito aos temas dos direitos das mulheres. A autora compreende que para alcançarmos o entendimento da atuação das mulheres no espaço público brasileiro nos últimos 30 anos, precisamos aceitar que a questão da participação não deve ser reduzida à representação. Portanto, naquele artigo, estava sendo explicado que a participação das mulheres extra-representação precisa ser observada para assim, compreendermos a extensa rede de organizações feministas e de mulheres que atuam no campo das lutas pelas garantias de lutas das mulheres. A autora ainda afirma que essa rede atua em grande número como ONGs.

Com esse circuito associativo, a construção da identidade religiosa do segmento ganha força e representatividade na esfera pública. A partir desta arena de disputa pelo poder que retratarei uma situação significativa que pude experimentar no campo ocorrido em 2016. Era ano de eleição municipal, datava a véspera do segundo turno entre Marcelo Crivella (PRB) e Marcelo Freixo (PSOL). Na programação oficial do evento existem uns

espaços de “bate-papo” entre convidados e anfitriã. Desta vez, Sylvia Jane Crivella³⁴ foi convidada para testemunhar sobre sua trajetória como missionária durante os anos que viveu com sua família na África do Sul, que abordou questões de superação aos desafios, falou de como deve-se manter a confiança no plano superior, como manter o matrimônio, a relação da mulher com a família e o trabalho missionário de campo. E assim, foi feita sua participação. Entre o não dito, a futura primeira dama da cidade maravilhosa fez uma rápida aparição, demarcando sua aliança política.



Figure 8: "Bate-Papo". Fonte: Pleno News

Fernanda Brum bradou um típico “tamos juntas” carioca ao se despedir de Jane. Já em 2017, esse momento de “bate-papo” aconteceu novamente com a presença da então primeira dama e sua nora, Maressa Crivella, a conversa foi breve e sobre relacionamento entre sogra e nora³⁵. Ao longo da programação, as ações sociais que grupos ou convidados fazem parte são expostos, incentivos à projetos que visam políticas de assistências são apoiados, e divulgados. E naquele espaço, são apresentados ações e projetos orientados e liderados por mulheres.

³⁴ Sylvia Jane Crivella, escritora, palestrante e apresentadora do programa “Elas por Elas” na rádio Record. Saiba mais em: <https://oglobo.globo.com/brasil/mulher-de-crivella-quer-fazer-trabalho-social-na-prefeitura-do-rio-20296985> Acesso em 19 jan 2018.

³⁵ Saiba mais em < <https://pleno.news/fe/esposa-e-nora-de-crivella-participam-de-conferencia.html>> Acesso em 20 jan. 2018.

A abertura da conferência em 2017 se deu com a pregação da convidada Edméia Willians, missionária e conferencista brasileira, referência pelo seu trabalho com crianças e juventude no morro Dona Marta, Rio de Janeiro. No ano anterior foi a própria anfitriã do evento que concedeu a primeira palestra. Feitas as honras e apresentação, o microfone foi passado à convidada. A mensagem que foi levada esteve no sentido da redenção e do pastorado. Para Edméia, Deus criou a mulher para a libertação, para ser reparada, para ser livrada do cativeiro, ou seja, para a transformação. Ao conduzir o objetivo da mensagem com o exemplo de seu testemunho, o relato da sua conversão ao evangelho impactou as mulheres ouvintes, que não hesitaram em bradar améns. Edméia morou no Iraque e teve uma convivência com uma menina que pastoreava um rebanho e um dia ela estava tomada por uma tristeza profunda, pois um de seus cordeiros se encontrava com uma pata quebrada. Naquele momento Edméia ouviu uma voz que afirmava ser o seu pastor, que sofria com aquela menina, em profunda empatia às suas mazelas, e que estava com ela para curar toda a sua dor. Naquele momento constatou seu chamado e se voltou para fazer a vontade de Deus. Para ela, aquela foi sua experiência que ocasionou sua verdadeira conversão.

Em seu testemunho e ensinamento, ressaltou a importância de se observar os feitos de Deus com todos e com cada um. Ao meu ver, a questão do pastorado cristão como forma de ordenamento nunca tinha estado tão evidenciado em uma metáfora. Assim, finalizando sua fala, Edméia convocou às mulheres para utilizarem “o poder derramado através do espírito santo” como um empoderamento profético. Fernanda em seguida agradeceu a participação da missionária e afirmou ser uma mulher de alianças, de amigos e de casas de oração. Complementou esta ideia dizendo que são alianças eternas que durarão até a eternidade, fazendo alusão à questão interdenominacional que rege seu ministério. Essa posição se reflete em sua rede de convidados, mas o fato dela ressaltar, demarca seu lugar.

Outro momento de interlocução com uma participante em 2017, mais uma colega-de-congresso compartilhou comigo sobre o renovo que suas forças estavam alcançando durante aqueles dias de conferência. Essa nova colega, vinda de Angra dos Reis/RJ, contou que lidera um ponto de oração³⁶ com seu marido, e me explicou que é uma casinha dentro de um sub-bairro do bairro em que se encontra a igreja central. Também disse que lá é uma comunidade carente de tudo: asfalto, esgoto, escolas... Comentou que a onda de

³⁶ Local fora da igreja que acontece atividades extras, podendo ser em casas, salas alugadas e afins.

violência em Angra dos Reis estava pior que o noticiado pela TV. Lá eles prestam assistência às famílias/pessoas que aparecem, e seu público estava sendo restritamente composto por crianças. Originalmente o trabalho naquele local não tinha a intenção de ser com crianças, porém, as circunstâncias construíram aquela realidade. Com muita simplicidade, aquela mulher contou que passou por alguns obstáculos para conseguir se deslocar durante o evento, mas naquele último dia já estava visualizando e agradecendo a Deus. - *Estou edificada e com forças para continuar*, me falou.

Foi então que uma situação específica com as crianças foi abordada: quatro irmãs, a mais velha com 8 anos e a mais nova com 1 ano. A narrativa seguiu, filhas de uma mulher que faz programa e o pai da mais nova, um homem do tráfico. Ela suspeita de abuso sexual infantil e já levou o caso para a igreja central. Mas, sem saberem como proceder, agem com receio de acionar o conselho tutelar ou até mesmo fazerem uma denúncia. Possivelmente estaria arriscando sua própria segurança. Indignada ela somente compartilhou seus pedidos de forças para continuar ajudando as crianças com comida e ensinando a palavra sagrada. De cestas básicas ao acolhimento das quatro irmãs na própria casa, devido uma surra que a mãe das crianças levou, essas ações eram sua assistência social e religiosa. Outra indignação compartilhada foi que a igreja central estava para fechar o ponto de oração deles, pois sem os membros não haveria contribuição, sem contribuição haveriam somente gastos, mas ela afirmou que trajetórias como a da missionária Edméia Willians, inspiram. Entre suspiros, o próximo assunto de indignação veio da outra: - *E como pode tantos templos luxuosos? Cadê o povo de cristo fazendo a obra com nossas comunidades e nosso povo?* Não houveram respostas, a mesma que indagou se desculpou, pois não queria blasfemar contra o povo de Deus.

Patrícia Birman (2012), chama atenção para a questão da *violência* como categoria socialmente construída como *problema* da cidade do Rio de Janeiro, ao longo dos últimos 25 anos. Sua análise buscou contribuir com os sentidos das violências e suas transformações. Essas transformações consolidaram um específico e relevante modo de governar as populações da cidade, contanto sempre com o protagonismo de atores religiosos.

As formas de habitar e de circular na cidade, bem como as disposições subjetivas relativas às divisões de seus espaços, foram paulatinamente se alterando, marcadas por novas modalidades de intervenção e de reelaboração de suas práticas. A categoria “violência” aumentou a sua abrangência e seus sentidos

e se impôs como uma das justificativas centrais para reordenações necessárias dos espaços da cidade, desdobrando-se em políticas de repressão, de controle, de vigilância e também de medidas sócio-morais dos sujeitos que seriam seus alvos preferenciais. As mediações promovidas pelos atores religiosos no tratamento do “problema da violência” se desenvolveram ao longo desse processo e integraram os debates e também alguns dos dispositivos engendrados para governar a cidade, seus conflitos e suas populações. Como estes dispositivos articularam o religioso e o secular? (BIRMAN, 2012: 211)

Birman, apresenta em seu trabalho uma proposta que fez parte desse elaborado dispositivo para tratar a violência na cidade. Ao trazer sua reflexão, busquei dialogar com os aspectos analíticos elaborados em seu trabalho. O movimento de mulheres que busca transformar condutas e ordenar moralidades, tem por objetivo a renovação de uma categoria social específica. Os dispositivos de linguagem utilizados se voltam para a noção de um movimento que dará alicerce para uma “nação renovada que trará soluções para as mazelas sociais”. A ideia de um secularismo tolerante que se utilize de uma nova forma da presença religiosa, entre as cruzadas morais e os projetos, a autora chama atenção para as formas de gestão que vem sendo direcionadas para fins sociais e pedagógicos, afirmando que são desenvolvidas por ongs, agências nacionais e internacionais, igrejas e grupos religiosos. As ações de grupos religiosos e laicos vem crescendo, com inserção dentro e fora do estado, com atividades seculares e também religiosas.

As periferias são, pois, convocadas por muitas igrejas evangélicas a adotar uma nova linguagem religiosa que não necessariamente seria complementar às convenções sociais naturalizadas e de base católica. Desconfio que esse pluralismo religioso que emerge nas periferias esteja significativamente banhado em uma cultura evangélica cujo alcance ultrapassa aqueles que congregam em suas igrejas. Assim, o mundo da política e da cultura ganhou, em muitos contextos, uma interface evangélica que tem permitido amplificar as demandas dos grupos religiosos para participarem das políticas públicas. (BIRMAN, 2012: 218)

Nesse sentido, o ministério em análise tem remontado o modo de ação dos projetos religiosos na esfera pública. Ao ordenar corpos, conduzir mentes e desenvolver esse empoderamento de posição às mulheres, estão sendo veiculados desdobramentos de atuações no cotidiano social, seja na esfera religiosa ou secular, no trabalho voluntário ou trabalho de vínculo empregatício. Seja numa ação de abrir uma ong no Dona Marta, ou o

trabalho com algumas famílias no ponto de oração em Angra dos Reis, as *regiões morais*, periferias e/ou favelas tem sido palco de trabalhos mediados por agentes religiosos que vem encontrando uma rede de apoio em escalas.

Neste capítulo, as articulações entre denominações foram abordadas como uma posição de cooperação e mediação entre projetos políticos e sociais. O ritual dos eventos pôde ser observado como uma abordagem teórica e analítica, uma ferramenta que acentua o comportamento (Peirano, 2001). Com uma breve revisão da literatura do campo, a ocupação na esfera pública do segmento evangélico foi apresentada sob a ótica de um ativismo político e estratégico. A influência da mídia eletrônica à serviço da flexibilização e elaboração das tendências dos costumes e da moral, também foram retratadas como dimensões das transformações atuais. A mulher evangélica na política brasileira, bem como a sua construção de identidade e representação, são questões que longo de todo o trabalho foram levantadas. A mulher evangélica brasileira tem se apresentado com uma posição ativa e alcançando visibilidade. Mas questões dos direitos das mulheres evangélicas estão sendo alcançados?

CONCLUSÃO

Neste trabalho foram apresentados aspectos que montaram a perspectiva analítica do processo de condicionamento e ordenamento comportamental dos evangélicos, com um recorte ao atendimento que vem sendo desenvolvido para as mulheres. Com um formato de programa pedagógico, sendo auxiliado por alguns pilares ou ferramentas, analisei aqui como vem sendo desenvolvido um certo modelo comportamental voltado para mulheres evangélicas no Brasil, e com este, um imaginário coletivo de nação evangélica. A relação entre religião e espaço público foi aqui retratada por angulações que visam compreender as transformações ocorridas nas relações participativas no campo e de posições institucionais.

Esta pesquisa foi consolidada ao redor da esfera musical do *gospel*: o *gospel* como meio de comunicação entre os ouvintes, o *gospel* como palanque de emancipação das mulheres, o *gospel* como consumo, o *gospel* como tendência no mercado fonográfico, o *gospel* como virada fenomenológica e comportamental – um novo elemento a ser somado à chama “explosão *gospel*”. Para Cecília Mariz (1999), a batalha espiritual realiza-se de forma relacional com a batalha social. Assim, o impacto é de alcance sobre os espectadores com as letras das músicas, com as questões que assolam o universo social e os problemas do cotidiano. A alternativa que este empoderamento evangélico vem dispondo é ordenado por um conjunto de ideias e ações. A atuação da música *gospel* como parte de um projeto nacional, pode ser compreendida como instrumento do biopoder.

Ao buscar compreender o quadro de atuações que temos hoje na esfera pública, é preciso remontar a lógica de colaboração e associativismo que os evangélicos construíram desde a segunda metade do século passado. Um ativismo político se tornou parte das estratégias. Ao se pensar a presença desses evangélicos nas margens da sociedade, estamos abordando questões de uma proximidade que nenhuma outra instituição havia tomado para si. Essa relação se desdobrou na formação de um “campo evangélico”, com ações diretas de diferentes denominações construindo convergências em votos evangélicos.

Ao ser reforçado o baixo índice de participação de brasileiros em partidos, sindicatos e associações civis, tende-se a compreender o potencial do conjunto de pessoas congregadas em Igrejas Evangélicas. Esse eixo de alianças entre instituições religiosas, e

majoritariamente modificado com a consolidação pentecostal na esfera pública, vem articulando projetos religiosos e seculares sem precedentes.

Ao voltar o olhar para compreender o campo das mulheres evangélicas no quadro político, pudemos então perceber arranjos de uma mediação entre ações religiosas, a política formal e a inclusão da posição das mulheres do segmento. Em eventos como a “Conferência Profetizando às Mulheres”, aqui analisada e outras megaproduções que seguem o modelo deste apresentado, tem-se uma coletividade congregada. É nesse mover entre congregações, entre denominações, entre instituições, entre empresas, que o processo de uma “cultura pública evangélica” vem tomando força/forma, e em paralelo vem eclodindo a figura da mulher evangélica na política nacional. O debate da representação ou extra-representação se tornou uma questão sem respostas para o momento. Sendo a luta das mulheres a representação de mulheres, que são a maioria da população brasileira, o caminho tem sido preenchido com tamanho êxito. Porém, ao evidenciarmos o significado político da participação, o jogo pode mudar.

O Ministério em foco neste trabalho liderado por uma mulher, se consolida com o objetivo de formar lideranças evangélicas, com ênfase no tratamento comportamental e de políticas sócio morais. Esse empoderamento da mulher evangélica tem auxiliado na ocupação dos evangélicos na esfera pública através dos veículos de comunicação e nas disputas da opinião pública. Ao desenvolver a lógica de um levante geracional – exemplo do momento abordado na participação da palestrante Helena Tannure no evento -, com o objetivo de uma redenção do espaço público, questões acerca do pluralismo religioso no espaço público brasileiro são acionadas. Assim como questões da democracia e dos direitos individuais. Essa formação política e institucional conduz a uma transformação das ações comportamentais e emocionais. Para esse movimento, o pentecostalismo contribui na construção de uma identidade participativa, e induz a uma autoridade moral com elevação da autoestima. A participação da mulher na política institucional das igrejas evangélicas pôde ser aqui observada a partir desse movimento. A missão dessas mulheres ainda ocupa a posição do cuidado e de auxiliadoras desse processo. Esses corpos femininos em disputa estão produzindo uma redefinição do papel da mulher a partir deste ordenamento e educação religiosa.

O estabelecimento do campo político para mulheres e a centralidade da indústria *gospel* foram pilares da elaboração desta pesquisa. A presença da mulher em púlpitos e palcos

começou com a oportunidade de cantar. A música acompanha essa trajetória de empoderar a mulher na dinâmica ritualística religiosa. Para além da música *gospel*, pretendeu-se fomentar uma narrativa e apresentar um olhar comunicacional sobre a cultura *gospel*, e como a partir dela que diferentes transformações ocorreram. A cultura *gospel* renovou o estilo de ser evangélico, construiu um sentido e um modo de vida específico. E nessa construção de uma hegemonia interdenominacional acionada pela música, a mulher tomou um protagonismo no formato de uma onda: antes somente cantoras, depois ministras da palavra, e missionárias, até alcançarem o sacerdócio de pastora.

A dimensão de permear espaços é entendida como a *aspiração de hegemonia* que os evangélicos vêm buscando. Sendo assim, a política pentecostal não teria um projeto de conquista do Estado em si (Machado; Burity, 2014: 616). Mais uma vez, a música *gospel* se encontra como eixo dessa construção de hegemonia, na explosão da cultura *gospel*, um hibridismo cultural (Cunha, 2007), acionado como elemento transformador e detentor de um fenômeno nacional.

A “cultura *gospel*”, veiculada como um movimento musical, pôde ser experimentada como um movimento de renovação no estilo de ser evangélico, seja pela lógica de consumo, seja por estar associada à mídia, ou por ter implementado novas liturgias aos cultos. A música revitalizou a dinâmica da vida religiosa e construiu um sentido religioso. A música também pode ser considerada a mídia que vem auxiliando o sentido de hegemonia interdenominacional para consolidar a “cultura evangélica”. É através de dimensões sensoriais que a música e os discursos vão se desdobrando. O que antes segregava denominações, hoje a música e os eventos agregam. Como espaços de consolidação que configuram coletividades de evangélicos, os eventos da “Conferência Profetizando às Mulheres” foram observados como dinâmicas práticas desse movimento político das/dos pentecostais na esfera pública.

Referência Bibliográfica:

ALMEIDA, Ronaldo. **A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo**. Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidade e Violência. Cadernos Pagu (50), 2017.

BARBERO, Martin Jesus. **Comunicação plural: alteridade e sociabilidade**. Comunicação & Educação, São Paulo, 191: 39 a 48, maio/aqo. 1997.

BEZERRA, Jamille. **Performance Feminina na Esfera Pública e Religiosa: Transformando Relações e Representações**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Ciências Sociais na UFRRJ, Seropédica 2015.

BIRMAN, Patrícia. **Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro**. 216 Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32[1]: 209-226, 2012.

BRUM, Fernanda. **E Foi Assim...**, Editora Ministério Fernanda Brum. Rio de Janeiro, 2013.

CAMPANELLA, Bruno e MARTINELLI, Fernanda. **Antropologia da Mídia: novas possibilidades de campo**. 27º Reunião Brasileira de Antropologia, Pará, 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Explosão Gospel – Um Olhar das Ciências Humanas sobre o Cenário Evangélico no Brasil**. Editora Muad. Brasil, 2007.

DE PAULA, Robson. **“Os cantores do Senhor”:** três trajetórias em um processo de industrialização da música evangélica no Brasil. Religião e Sociedade, v.27, n.2, p.55-84, 2007.

_____. **O mercado da música *gospel* no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais**. Revista UNIABEU Belford Roxo V.5 Número 9 Jan.-Abr. 2012.

GIUMBELLI, Emerson. **Símbolos Religiosos em Controversa**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MACHADO, Carly. **“É muita mistura”:** projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. Religião e Sociedade, v.33, n.2, p.13-36, 2013.

MACHADO, Maria das Dores. BURITY, Joanildo. **A ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos**. DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.57, nº3, pp. 601 a 631. 2014.

MACHADO, Maria das Dores. **Religião, Cultura e Política**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.

_____. **Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais.** Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005.

_____. **ALÉM DA RELIGIÃO.** Cadernos CERU, Série 2, n. 12, 2001.

_____. **SOS MULHER - a identidade feminina na mídia pentecostal.** Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 167-188, set. 1999.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO, Ricardo. **Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública.** *Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n.2, p. 238-258, maio-ago. 2011.

MARIZ, Cecília. **A Teologia da Batalha Espiritual: Uma Revisão da Bibliografia.** BIB, Rio de Janeiro, n.º47,1.º semestre de 1999, pp. 33-48.

MONTEIRO, Paula. **“Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública?** *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 36(1): 128-150, 2016.

_____. **Controvérsias Religiosas e Esfera Pública: REPENSANDO AS RELIGIÕES COMO DISCURSO.** *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012.

_____. **Multiculturalismo, identidades discursivas e espaço público.** *Sociologia&Antropologia* / V.02.04:81 – 101, 2002.

NOVAES, Regina. **A divina política. Notas sobre as relações delicadas entre religião e política.** *Revista USP*, São Paulo, n 4, p.60-81, março/maio 2001.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje.** Ciências Sociais Passo-a-Passo. Jorge Zahar Editor Ltda. 2003.

PINTO, Céli. **Feminismo, História e Poder.** *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun.2010.

_____. **Paradoxos da participação política da mulher no Brasil.** *REVISTA USP*, São Paulo, n. 49, p. 98-112, março/maio 2001.

ROSADO, Maria José. **Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 294-304, janeiro-abril/2006.

_____. **O Impacto do feminismo sobre o estudo das religiões.** *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp.79-96. 2001.

ROSAS, Nina. **Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso do Diante do Trono.** Tese, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFMG, 2015.

SANT’ANA, Raquel. **A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus.** Tese, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, 2017.

ANEXO I

Cecília Rodrigues Siqueira (Prof.^a) (1886-1968)

Cecília Rodrigues Siqueira, líder das mulheres presbiterianas: uma voz feminina condecorada [1]

A educadora D. Cecília destacou-se nos meios educacionais do Estado de Minas Gerais e, através dos alunos que passaram pelo Colégio Evangélico, mais tarde líderes políticos que, a Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais achou por bem conferir-lhe o Título de Cidadã Honorária de Minas Gerais.

(...) Muito justa e oportuna foi também a “Medalha da Inconfidência” que D. Cecília recebeu na histórica cidade mineira de Ouro Preto, a 21 de abril de 1966, conferida pelos seus sessenta anos de magistério, pela sua excelente função de educadora, pelo elevado patrimônio moral, intelectual e espiritual que construiu em nossa Pátria. Convém ressaltar que a Medalha da Inconfidência não é concedida a qualquer pessoa. Até então, apenas duas mulheres tiveram a glória de recebê-la: D. Cecília e uma neta do grande Rui Barbosa. Era aquela uma honra raríssima concedida a mulheres. (Roberto Gripp) [2]



D. Cecília Siqueira

Cecília Rodrigues nasceu em Lucena, na Paraíba, em 14 de fevereiro de 1885. Seu pai era Luiz França Rodrigues, pescador e sua mãe Tereza Falcão Rodrigues.

Quando menina, gostava de brincar de escolinha, e na escola de verdade era uma das melhores alunas. Como, na maioria das vezes, era a única que respondia corretamente as perguntas da professora, era a responsável por “dar os bolos” [3] nos alunos que erravam.

Quando estava com oito anos, observou, juntamente com sua mãe, um colportor da “nova seita”, sendo ameaçado por um delegado de queimar suas Bíblias. A mãe apressou-se em informar o esposo do que ocorria. Seu Luiz, homem de caráter, era considerado e respeitado pelas pessoas em sua localidade. Embora sem interesse na “nova seita”, Seu Lula (apelido de Luiz) achou injusta a perseguição e dirigiu-se ao lugar do motim.

Lá chegando, pegou o colportor pelo braço e o retirou do local, levando-o para sua casa, onde a mãe de Cecília o convidou para pregar. O pai da menina foi um dos primeiros a se converter e ser batizado.

Com apenas onze anos, a menina também foi tocada pela mensagem do Evangelho e a aceitou. A mãe queria que a filha, tão inteligente e vivaz, estudasse, e as duas oravam juntas para que Deus abrisse as portas.

Cecília estava com quinze anos na virada do século dezenove para o vinte. E continuava pedindo a Deus que realizasse seu sonho de estudar para ser uma professora.

Cecília: estudos e ensino

O missionário George Edward Henderlite informou ao pai de Cecília que os evangélicos iriam abrir uma escola em Garanhuns e convidou a menina para morar com sua família e estudar lá.

Seu Luiz concordou prontamente, pois sabia do grande desejo da filha. Muito feliz, ela deixou Lucena e partiu para prosseguir seus estudos.

O fundador e diretor do colégio era o Rev. Martinho de Oliveira, um pioneiro corajoso que enfrentou tremendas perseguições e o primeiro aluno foi Jerônimo Queiros, membro de uma família que muito contribuiu com a igreja presbiteriana e com a sociedade nordestina.

Essa escola chamada de Escola Paroquial Evangélica de Garanhuns foi o embrião do Colégio Evangélico Quinze de Novembro e do atual Seminário Presbiteriano do Norte, pois além do programa regular de ensino, possuía um curso especial, a Escola Teológica, que preparava jovens para o ministério evangélico.

Com o falecimento do Rev. Martinho, em 1903, a escola foi fechada e Cecília foi para Natal para a escola do Rev. William Calvin Porter, que também fechou. De volta à sua casa, ela ensinava aos irmãos o que tinha aprendido.

Após um ano, recebeu uma carta de Miss Eliza Reed que a convidava para estudar e ajudar na escola que abriria em Recife. Cecília foi uma das dezoito alunas, quando a Escola Americana foi aberta, em 1904.

Naquela escola, que posteriormente foi denominada Colégio Evangélico Agnes Erskine, ela cursou o secundário, ajudando outras alunas e auxiliando a missionária em várias e árduas tarefas. Escrevendo sobre o colégio, informou Miss Margareth Douglas, substituta de Miss Eliza Reed:

Esta história (do Agnes) não seria completa sem um tributo de louvor ao serviço esplêndido prestado naquele ano difícil (1906) por D. Cecília Rodrigues. Era ela o meu braço forte, servindo-me de intérprete, informando-me dos planos de trabalho, aconselhando-me, arcando enfim com grande parte da responsabilidade. O nome dela merece menção especial. [4]

Quando a escola secular de Garanhuns reabriu, sob a direção do Rev. Henderlite, em 1908, ela voltou como professora, trabalhando com alegria e disposição.

Para a época, Cecília era uma jovem bem progressista e se tornou líder do movimento em prol dos direitos da mulher. Para elas discursava, enfaticamente:

Mas, então, porque, as mulheres não podem exercer o direito de voto? Não somos, por acaso, tão brasileiras quanto os homens? Não temos tanto quanto eles, capacidade para entender e discernir as coisas? Não estamos lado a lado construindo a nação através desta geração que educamos e formamos, através do magistério e de outros afazeres? Por que, então, não podemos também escolher com o voto os nossos governantes? Isso não pode continuar assim, minhas amigas. Levantemo-nos, e lutemos pela conquista de nossos direitos cívicos! [5]

Quando, anos depois, recebeu o título de cidadã mineira, ela recordou esses tempos:

(...) A respeito da professora Marta Nair que não somente é professora, mas também membro desta Assembleia Legislativa, ela personifica tudo aqui que desejei para a mulher em minha terra, quando, no passado, ainda muito nova, eu me esforçava nas cidades de Pernambuco, principalmente em Garanhuns, por meio da minha palavra, escrevendo sobre os direitos da mulher, ensinando moços, ensinando homens analfabetos a assinarem o nome, para que pudesse votar. Eu, porém, não tinha o direito de votar. (...) Hoje, eu vejo a professora Marta Nair – e gosto de dizer professora Marta – nesta Casa; ela é uma das nossas representantes na Assembleia. Considero isto uma glória, uma vitória, não propriamente minha, mas a vitória da professora Marta Nair que conseguiu vencer onde alguns homens, ou talvez muitos, não tenham triunfado. [6]

Recordou também que na época de luta que agitava a Nação, entre o militarismo e o civismo, ela queria muito votar no candidato com o qual se identificava, o intelectual Ruy Barbosa. Então, preparou seus papéis requerendo seu título de eleitor e os colocou no meio de outros, para que o juiz de direito os assinasse. O juiz, que era pai de seus alunos, reconheceu sua letra, e rindo, falou: “Diga a ela que reforme a Constituição e volte...”

O deputado Miranda afirmou que: “sua pena flamejou nos jornais da época. Acabou ganhando a luta, da qual não se envaideceu. Afinal, toda a sua vida sempre fora uma batalha, desde quando simples filha de pescadores, resolveu educar-se. E ensino, era, ao tempo, só para homens, filhos de gente rica”. [7]

Uma violenta epidemia de bubônica [8] assolou Garanhuns, naquela época, e Cecília, mesmo não querendo deixar a cidade, precisou partir. Ela foi convidada a morar na casa do Rev. George Butler, em Canhotinho e abrir uma escola na localidade.

O missionário era um médico dedicado que ia aos lugares mais distantes, e atendia a qualquer hora, viajando em lombos de burros ou carros de bois e enfrentando toda sorte de doenças. Foi ele o introdutor do Raio X, em Canhotinho e Garanhuns.

Cecília Rodrigues: início da vida conjugal e partida para Presidente Soares

Foi na casa do Rev. Dr. Butler, o médico amado de Pernambuco, que Cecília reencontrou com seu ex-aluno, do Seminário Teológico de Garanhuns, o Rev. Cícero Siqueira, por quem se apaixonou.

Para ele, dedicou a poesia a seguir:

Amo-te

Deu-te o sol essa luz dos olhos belos,
Tingindo, amigo, o teu cabelo d'ouro.
Filho és d'aurora, dos gentis desvelos
Surgiste alegre como o raio louro.

A flor deu-te o perfume dos seus sonhos
E amenizou-te o hálito divino,
Recorda a tua voz, trinos risonhos
Do passaredo o canto matutino.

Eu te amo! Eu te amo como se ama a
vida,
Anjo baixado de celeste altura
Do meu coração aspiração querida.

Vejo-te agora. Como és belo e nobre!
Benditas seja, santa criatura!
Meu coração de bênçãos mil te cobre! [9]



Família Siqueira

Casaram-se em 02 de fevereiro de 1917, seis dias após a ordenação ao ministério pastoral de Cícero. Ambos eram tão pobres que Cecília não teve um vestido de noiva. Isso, porém, não afetou a alegria do jovem casal, que lutou bravamente no início da vida conjugal, pois lhes faltavam recursos financeiros.

Logo nasceu o primeiro filho, Cleanto, que trouxe grande alegria aos pais. Com apenas dois anos, a criança foi acometida de paralisia infantil e só pode andar devido à grande fé e ferventes orações de Cícero e Cecília.

Em agosto de 1918, o Dr. Butler, viajou para os Estados Unidos, deixando o novo pastor encarregado da igreja e Cecília encarregada do Colégio Evangélico.

Após doze anos na cidade, em 1929, o casal estava com oito filhos: Cleantho, George, Cícero, Célio, Cecília, Cephas, Clícia e Cyro, quando o Rev. Cícero recebeu convite para pastorear em Presidente Soares, Minas Gerais, e para lá se transferiu, em uma difícil viagem de dez dias, com os filhos, D. Luzia, sua mãe e a esposa, grávida do nono filho.

Logo após a chegada da família, o caçula Cyro foi acometido por séria crise e faleceu. O novo bebê que chegou recebeu seu nome.

Cecília Siqueira: a sábia esposa de pastor e preocupada cidadã jequitibaense

Cecília dizia que a profissão de pastor não rendia dinheiro, mas conferia honras. Seu esposo, porém, as recusou quando decidiu transferir-se para a distante cidade de Presidente Soares, antiga Vila de Alto Jequitibá.

Seus colegas de presbitério não queriam perdê-lo, um velho amigo e professor lhe disse: “é preciso que você reconheça que a nenhum homem de sua profissão foram oferecidas tantas vantagens e honrarias para permanecer no lugar em que você está. Foram oferecidas e você recusou tudo isto, para viver num lugar que não se encontra no mapa”.[\[10\]](#)

Depois de vencidas as dificuldades, quando o nome de Cícero Siqueira era conhecido em toda a região, ele novamente recusou honras e, convidado para se tornar um político, respondeu: “Eu já sou embaixador; aqui estou como embaixador do meu Senhor. Já tenho a posição mais elevada que posso aspirar. Não aceitarei, de modo algum, nenhuma posição política, porque estou muito interessado na política do meu Senhor”. [\[11\]](#)

Como esposa de um pastor tão vocacionado, D. Cecília não somente contribuiu para o êxito de seu ministério como também para melhoria da cidade onde pastoreavam. Como a rainha Ester, usou do recurso de convidar o prefeito da cidade para jantar em sua casa e lhe pedir providências:

Cecília, mulher inteligente, se preocupava muito sobre o que poderia ser feito para melhorar a Vila de Alto Jequitibá. Para exemplificar, podemos relatar o que ela planejou para melhorar as ruas da Vila de Alto Jequitibá, logo no início, quando aqui chegaram. Ela falou ao Rev. Cícero: “Com tanta lama nas ruas, brevemente ninguém poderá mais sair de casa. Será que o prefeito não vai dar um jeito nisso?” Alto Jequitibá era um Distrito de Manhumirim e o prefeito não parecia lembrar-se da pequena Vila para melhorar, pelo menos um pouco, as suas ruas, mandando colocar um pouco de cascalho, já que calçá-las estava completamente fora de seus planos. Não havia sapatos que resistissem ao lodaçal. E assim acontecia. Os dias passavam, iam e vinham as invernadas e nem sinal de que viriam os melhoramentos que o povo tanto reclamava. Um dia, Dona Cecília disse ao marido: “É preciso fazer alguma coisa para que o prefeito se lembre das ruas de Jequitibá”. O Rev. Respondeu: “Mas, fazer o quê?” ela ficou meditando bastante tempo e depois, com o rosto animado disse: “Nós poderíamos convidar o prefeito para vir jantar conosco, o que acha?” E assim aconteceu. Em um daqueles dias das ruas bastante enlameadas o Prefeito aceitou, com prazer, o convite para jantar, considerando ser uma homenagem que o diretor do Ginásio Evangélico estava lhe prestando. A lama tomava conta das ruas. A estreita calçada da casa pastoral escorregava perigosamente. O prefeito ao sair do automóvel teve de tomar bastante cuidado para não escorregar naquela lama. Então, D. Cecília, aproveitando a oportunidade, sugeriu muito a propósito: “Senhor prefeito, cascalhos poderiam melhorar estas ruas. Se o senhor pudesse mandar colocar cascalhos...” O prefeito não teve outra saída e respondeu: “Sim, mandarei colocar cascalhos nas ruas de Alto Jequitibá”. [\[12\]](#)

Quando o casal chegou ao Alto Jequitibá, o Ginásio Evangélico, de propriedade da igreja, encontrava-se em situação crítica, prestes a encerrar suas atividades. O Rev. Cícero e a esposa fizeram todos os esforços possíveis e conseguiram evitar o fechamento.

Ela enfrentou toda dificuldade ao lado do marido e contou que: “ele começou a trabalhar, trabalhou tanto esse homem que às vezes nem podia dormir de tão preocupado. Eu tinha de estar ao seu lado e sempre assistia suas noites de insônia que muito me afligiam”.[\[13\]](#)

Em 1963, o colégio, que não foi fechado, estava com 790 alunos, segundo reportagem da revista Manchete:

O Colégio Evangélico foi fundado pelo reverendo Aníbal Mora, em 1924, e se tornou, com o tempo, o principal educandário da região, estudando ali rapazes do Rio, São Paulo, Belo Horizonte e cidades vizinhas. Por outro lado não há preconceito religioso quanto aos estudantes não protestantes que convivem nas aulas. Foi o reverendo Cícero Siqueira quem realmente impulsionou o colégio, que hoje tem 790 alunos. O efeito desse impulso atingiu não só a cidade, mas todo o município onde funcionam ótimas escolas rurais. [14]

Quando dessa publicação, o Rev. Cícero já havia falecido, mas D. Cecília ainda vivia e pode ler a informação sobre “seu colégio” e mais ainda sobre “sua cidade”. A reportagem da Revista Manchete, de 12 de outubro de 1963, intitulada “A cidade sem pecado”, afirmava que em Presidente Soares, Minas Gerais, a grande maioria da população era de protestantes e andava de Bíblia nas mãos. Dizia mais:

No Colégio Evangélico, orgulho da região e um dos mais famosos de Minas, estudam presbiterianos e católicos. Todas as semanas, um sacerdote católico é admitido no estabelecimento, onde reza missa para os alunos católicos. Em Presidente Soares o puritanismo obedece a uma inclinação profunda do povo. Nunca houve bailes na cidade, que não possuiu clubes sociais. Ninguém ali aprecia bebidas alcoólicas. E na cadeia dois soldados passavam os dias bocejando de tédio, porque há anos nenhum cidadão do município tinha o desejo de roubar ou matar o seu semelhante. [15]

Cecília Siqueira: atuante membro da igreja e líder do trabalho feminino



Nady Werner, Cecília Siqueira, Blanche Lício, Genoveva Marchant

O trabalho era excessivo, na igreja e na escola. Cecília dispunha-se a assumir maiores responsabilidades e aliviar a carga do esposo que reconhecia sua força e afirmava: “Ela nasceu para a luta. As ondas da vida não a assustam, como não a atemorizavam os vagalhões do mar de Lucena. Cecília herdou a fibra de seu pai pescador. Ele enfrentava com bravura os perigos do mar alto. Ela enfrenta com ânimo forte os embates da existência”. [16]

Mesmo com inúmeras tarefas, Cecília participava de todas as programações da igreja. Estava nas reuniões de diferentes faixas etárias: desde as ligas juvenis às sociedades de moças. E, como professora da escola dominical nunca teve férias. Além da responsabilidade de sua classe aos domingos, manteve por muitos anos um Curso Normal de Preparação de Professores, que funcionava geralmente aos sábados. Um de seus alunos, da classe de rapazes, assim se expressou sobre ela:

Cecília procurava inculcar na mente do jovem como viver no mundo tão corrompido, dando seu testemunho de moço cristão. Na sua última aula, domingo 13 de outubro, advertiu os alunos quanto à vida futura, dizendo-lhes ter orado pedindo a Deus que salvasse todos eles e desejando que viessem a ser homens brilhantes e honestos. [17]

Cecília prestou relevantes serviços à Igreja Presbiteriana do Brasil. Para sua igreja local foi uma figura incomparável, uma amiga sincera e a pessoa mais presente e pontual em todas as atividades. Junto de seu esposo foi organizadora do Trabalho Feminino do Brasil e foi secretária desse ministério por quinze anos (1939-1954).

Em 1925, foi eleita a primeira presidente da 3ª federação das SAFs do Sul de Pernambuco; em 1930, eleita a primeira presidente da 6ª federação; de 1938 a 1954 foi secretária geral do leste de Minas.

Em 1946, como secretária geral do Trabalho Feminino do Brasil, a convite de organizações religiosas norte-americanas, integrou uma comissão de representantes da Igreja Presbiteriana do Brasil e visitou trinta e seis estados dos Estados Unidos da América.

Com sua rara inteligência, falando corretamente o inglês, ela proferiu conferências sobre o Brasil e a igreja presbiteriana, impressionando grandemente a todos, tornando-se assim, segundo declaração da imprensa da época: “a sul-americana mais conhecida na América do Norte”. [18]

Cecília era de uma eloquência espontânea e simples; de muita fé, espírito dinâmico e de inteligência clara. Por onde atuasse, demonstrava o brilho de sua cultura geral e bíblica e, mesmo após um dia de trabalho duro ainda se mostrava ativa e risonha.

Cecília foi a organizadora dos departamentos da SAF (Sociedade Auxiliadora Feminina), que chegou a ter treze departamentos. Em 1966, quando era vice-presidente da SAF, recebeu o título de Presidente Emérita e em sua homenagem, foi escolhido o 2º domingo de fevereiro, por ser o mais próximo ao seu aniversário, para ser o Dia da Mulher Presbiteriana.

Cecília Siqueira, a mãe abnegada

Apesar de ter recebido medalhas e condecorações, as jóias preciosas da esforçada esposa de pastor e dedicada mestra, foram os oito filhos os quais cuidou e educou com sabedoria. Eles foram seu maior galardão aqui na terra.

Todos se tornaram pessoas de bons caracteres e excelentes profissionais, ocupando posições elevadas na literatura, na advocacia, no magistério e na igreja evangélica.

Seus filhos experimentaram os tesouros de abnegação e amor com os quais a maternidade dotou seu coração. A filha Glícia, traçou seu perfil em suas atribuições de mãe, na poesia a seguir:

Gratidão

Pelo sofrimento físico,
pelas horas não dormidas.
Pelos cuidados sem conta,
pela intercessão sem repouso.
Pelo caminho estreito
que me apontou em criança.
Pelo sofrimento da liberdade de escolha
a que me obrigou desde cedo,
Pelos histórias tão cheias de encantamento,
que enriqueceram minha infância.
Pelos conselhos sabiamente introduzidos,
“anjo da guarda” da minha adolescência.
Pelo exemplo que me deu e que me dá:
de um caráter inquebrantável,
de uma vida de fé,
de uma vida de amor e de esperança,
de uma vida feliz.
Por tudo isso
E por muito mais ainda:
Obrigada, mamãe,
muito obrigada.

Clicia Siqueira Labrunie (Portugal – 1958) [19]

Cecília Siqueira, a educadora por excelência: ela faleceu no Dia do Professor

Cecília foi professora durante sessenta anos, e se destacou nos meios educacionais de Minas Gerais. Seus alunos tornaram-se escritores, engenheiros, advogados, professores, líderes políticos etc.

Por seu trabalho como educadora, em 29 de janeiro de 1966, a Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais achou por bem conferir-lhe o título de Cidadã Honorária de Minas Gerais. No trecho de seu discurso, considerado diferente pela sua beleza tranquila e autêntica e por ser feito de improviso, ela afirmou que não merecia a homenagem:

(...) Quando, em setembro do ano passado, o Dr. Miranda me disse em Presidentes Soares: “A senhora vai receber o diploma de Cidadã Mineira”, eu duvidei, pois não mereço isto. Achei que fosse até uma brincadeira dele. Tratei, inclusive, de esquecer, mas o Dr. Batista Miranda perseverou e tanto perseverou e tanto trabalhou que, hoje, estamos vendo e ouvindo estas homenagens a mim prestadas o que, aliás, têm sido conferidas a poucas mulheres. Creio que antes de mim apenas uma mulher as recebeu. Foi a professora Helena Antipof, fundadora do Instituto Pestalozzi para recuperação de crianças excepcionais. (...) [20]

O Diário da Assembleia de 1º de fevereiro informou que, ao concluir seu discurso, D. Cecília foi aplaudida de pé por todos os presentes e o presidente anunciou: “A mesa determina que seja inscrito nos anais desta casa o magnífico discurso proferido por D. Cecília Rodrigues Siqueira e antes de terminar se associa de coração a estas homenagens que se prestam a uma das ilustres mestras, hoje mineira de direito e de fato”. [21]

Cecília foi condecorada também com a Medalha da Inconfidência, em 21 de abril de 1966, em Ouro Preto, pelo governador do estado. Esta homenagem lhe foi prestada pelos seus sessenta anos de magistério, pela sua excelente função de educadora, pelo elevado patrimônio moral, intelectual e espiritual que construiu em nossa pátria.

Como educadora nata e ardente patriota, soube despertar em seus alunos um grande amor pela terra natal.

No discurso da outorga do título de cidadã honorária de Minas Gerais, o deputado Dr. Batista Miranda, falou que D. Cecília havia chegado aquele estado em 1929 e que: “hoje, 38 anos após, se perguntarmos o que ela faz, a resposta só poderá ser uma: planto escolas, educo gente, ensino-lhes a amar a Deus e a conhecer a ciência que o esforço humano conseguiu obter”.[\[22\]](#)

Na conclusão de seu discurso, o deputado Batista Miranda declamou o soneto de Jorge Buarque Lyra, em homenagem à D. Cecília:

Como ferro cadente da fornalha
É Cecília Rodrigues Siqueira
Que, abrasada de fê, toda batalha
Da vida vence, altiva, sobranceira!

Com santo entusiasmo ela trabalha
Sem nunca lastimar qualquer canseira
Pois sua mão, que o mal, com força atalha
Só luta pela igreja verdadeira!

Cristã convicta, exímia boletrista
Espírito de luz, nobre mulher.
Guardiã que eleva o culto reformista.

Bendito seja o apostolado
Pois é o próprio Deus que assim o quer
Para a glória do nosso Cristo amado!

(Jorge Buarque Lyra) [\[23\]](#)

Valeu a pena o esforço do Rev. Siqueira e de sua esposa para impedir que o colégio fechasse, os frutos apareceram e multiplicaram-se. E a gratidão da região foi demonstrada amplamente com o nome do reverendo dado à rodovia que liga Alto Jequitibá a Alto Caparaó e a construção de um monumento em homenagem ao casal Siqueira, inaugurado em 07 de agosto de 1987, que se encontra na Praça Rev. Cícero Siqueira, no centro de Alto Jequitibá. Ex-alunos, com o apoio da Prefeitura Municipal e da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá e do deputado Genésio Bernardino de Souza, também ex-aluno, tiveram a iniciativa da homenagem.

Cecília Siqueira foi também uma poetisa de sucesso, tendo composto poemas e hinos evangélicos, como a poesia que segue:

Alguém orava

O cansado sentiu que de repente
Um alívio profundo o invadia
E o aflito, de todos já descrente,
Foi tomado de súbita alegria.

“Nunca mais há de rir”, de um doente
A enfermidade ansiosa repetia.
Mas eis que a enferma se ergue sorridente
Pede o alimento, que já não queria.

“Que houve então?” diz um desses, “que alterou
O curso do tomento em que eu me achava
E feliz de repente me tornou?”

Alguém que longe ou perto se encontrava
De interceder por outros se lembrou
E reverente com fervor orava. [24]

Cecília viveu em Presidente Soares (MG) por trinta e nove anos, falecendo no dia do professor, 15 de outubro de 1968. Nesse dia chegou animada ao Colégio, onde recebeu cumprimentos e abraços. Começou, porém, a se sentir mal e desmaiou na secretaria da escola.

E foi orando que faleceu às 22h45. Suas últimas palavras foram: Amém, Senhor, amém!

Rute Salviano

[1] As informações para o resumo biográfico de Cecília Rodrigues Siqueira foram extraídas das seguintes fontes:

VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**. 2ª edição. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**. Belo Horizonte: Betânia, 1991, p. 154 -193.

MIRANDA, Batista. “Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais por ocasião da outorga do título de ‘Cidadã Honorária do Estado’ à D. Cecília R. de Siqueira, no dia 29 de janeiro de 1966”. **SAF EM REVISTA**. Janeiro a março de 1968, p. 1-2.

GRIPP, Renée Sthler. “D. Cecília Rodrigues Siqueira”. **SAF EM REVISTA**. Julho a setembro de 1969, p. 9-10.

[2] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 154-155.

[3] Dar os bolos: aplicação de castigos com palmatória, peça de madeira com a qual, antigamente, se castigavam os alunos, batendo-lhes nas palmas das mãos.

[4] **Norte Evangélico**, 1929, citado por VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**, p. 40.

[5] VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**, p. 54.

[6] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 190.

[7] MIRANDA, Batista. “Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais por ocasião da outorga do título de ‘Cidadã Honorária do Estado’”, p. 2.

[8] Peste bubônica: doença pulmonar infectocontagiosa, provocada pela bactéria **yersinia pestis**, que é transmitida ao homem pela pulga através dos ratos. Bubônica: caracterizada pela presença de bubões, tumefação inflamatória dos gânglios linfáticos inguinais.

[9] VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**, p. 60.

[10] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 191.

O local que não se encontrava no mapa foi habitado por protestantes desde 1818. Trezentas famílias alemãs, num total de 800 pessoas, foram encaminhadas à região por D. João VI, depois

que um navio à vela, procedente de Hamburgo, os trouxe ao Rio de Janeiro. Com eles nasceu o antigo Alto do Jequitibá, hoje Presidente Soares. Em 1898, chegou ao Alto do Jequitibá, o Dr. Kayle, pastor presbiteriano, iniciando a evangelização dos colonos. Sua influência foi marcante e, atualmente, inúmeras populações da Zona da Mata integram núcleos evangélicos.

[11] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 192.

[12] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 155-156.

[13] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 192.

[14] LÉON, A. Ponce de. “A cidade sem pecado”, p. 101.

[15] LÉON, A. Ponce de. “A cidade sem pecado”, p. 98.

[16] VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**, p. 106.

[17] GRIPP, Renée Sthler. “D. Cecília Rodrigues Siqueira”, p. 10.

[18] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 154

[19] VIANA, Juracy Fialho. **Cecília**, p. 156.

[20] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 189.

[21] GRIPP, Roberto e outros. **História da Igreja Presbiteriana de Alto Jequitibá**, p. 193.

[22] MIRANDA, Batista. Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais por ocasião da outorga do título de Cidadã Honorária do Estado, p. 2.

[23] LYRA, Jorge Buarque, citado por MIRANDA, Batista. Discurso proferido na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais por ocasião da outorga do título de Cidadã Honorária do Estado, p. 2.

[24] SIQUEIRA, Cecília Rodrigues. “Alguém orava”. **SAF EM REVISTA**. Julho a setembro de 1968, contracapa.

ANEXO II

Jesus, o Primeiro pró-feminista da história judaica. (Cristo e a Mulher Samaritana)

Uma definição de feminismo

Uma das maiores discussões nas religiões, e o cristianismo não foge disso, é o papel da mulher na sociedade, seus direitos e seu status. Nos tempos modernos o feminismo tem alcançado um espaço muito grande na sociedade, e sua influência tem alcançado as igrejas, grupos de jovens, grupos de discussões, convenções eclesiais e também tem feito muitos líderes repensarem sobre as questões acerca da mulher. Mas afinal, o que é feminismo? Uma mulher que professa o cristianismo e segue os ensinamentos de Jesus, pode ser feminista? O feminismo entra em contradição com os ensinamentos de Jesus?



O feminismo é um movimento social, filosófico e político que luta pela igualdade social das mulheres, bem como pela equidade de direitos, luta contra a opressão sofrida pelas mulheres na sociedade e a busca pelo empoderamento feminino. O feminismo modificou fortemente elementos da sociedade ocidental, que vão desde o direito à cultura. O feminismo lutou pelos direitos legais da mulher: direito ao contrato, direito a propriedade, direito a voto e etc; a luta do feminismo também pelo direito de autonomia feminina e integridade de seu corpo, direitos reprodutivos (contracepção, cuidados pré-natais de qualidade e etc), pela proteção de mulheres e garotas contra a violência doméstica, assédio e abuso sexual, estupro, direitos trabalhistas (como licença-maternidade, salários iguais e

etc), bem como a luta contra o fim de todas as discriminações. Mulheres, homens, negros, brancos, amarelos, vermelhos, pessoas portadoras de necessidades especiais, são todos grupos compostos por pessoas diferentes, com situações de vida diferentes, com condições biológicas diferentes. Entretanto, essas diferenças biológicas, ou em relação ao gênero, não justificam a **desigualdade social**, muito menos a diminuição e privação de direitos, e é justamente neste sentido que o feminismo atua: mulheres e homens podem (nem sempre) não serem iguais biologicamente, o gênero feminino e o gênero masculino são gêneros diferentes, mas todas as pessoas independente de suas condições biológicas, ou de seu gênero, devem receber igualdade social, igualdade de direitos e possuir sua dignidade preservada. Se você é mulher, possui direitos trabalhistas, tem a liberdade de casar ou não casar com alguém, pode votar e exercer sua vida política, bem como outros direitos, sinta-se feliz em saber que foram as feministas que lutaram para que tudo isso hoje em dia fosse possível e preservado.

Entendendo o feminismo sob a ótica do evangelho.

*“Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou **mulher samaritana?** (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos)*

Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.”

(Evangelho de São João 4:9-10)

Jesus em uma de suas viagens evangelísticas precisa voltar para a Galileia e no meio do caminho decide passar pela região da Samaria. Sua decisão, no contexto histórico, poderia ser considerada como insana, já que os judeus e os samaritanos possuíam péssimas relações entre si, e tendo ele outras opções de caminho para voltar ao seu destino. O povo samaritano era muito hostilizado pelos judeus, sofriam um grave racismo por aqueles que eram proclamados como “filhos de Deus”. A sociedade judaica era essencialmente machista e patriarcal. O preconceito era tão grande que os judeus homens (principalmente os fariseus) todos os dias ao acordar tinham o costume de agradecer a Deus por não serem mulheres e por não serem samaritanos.

Era meio dia, horário de almoço, um horário impróprio para se buscar água numa região desértica por fazer muito calor, as mulheres não tinham o costume de buscar água nesse horário. Provavelmente esta mulher estava lá por um motivo mais sério, é possível que essa mulher possuía algum problema com sua comunidade vivendo excluída de sua sociedade. Jesus chega ao poço e a vê e diz “Por favor, me dê um pouco de água.” (São João 4:7). Em nossos dias um homem pedir água num ambiente quente ou em condição de sede seria normal, mas naquela sociedade era tão anormal que assustou a mulher samaritana. No momento em que ele pede água ele quebra o primeiro preconceito: **“A proibição de falar com uma mulher, ou seja, o machismo judaico”**. O segundo grande dilema que Cristo quebra neste momento é o dele **pedir água do mesmo copo que o dela, o que o tornaria amaldiçoado ou imundo (na cultura judaica da época), impossibilitando-o de prestar cultos a Deus por 40 dias**. O terceiro grande dilema que Cristo quebra é o **racismo ao conversar sobre espiritualidade e pedir água a uma samaritana**.

Tendo em vista todo este contexto, entendemos a admiração da própria mulher samaritana em ver um homem judeu se comunicando com ela. Mas isso ainda não é a única coisa interessante que podemos notar neste acontecimento. Na cultura judaica se o homem “enjoasse” de sua mulher ou encontrasse nela algo que não o agradasse, ele poderia escrever uma carta de divórcio, mandando ela embora de casa, assim ela iria poder casar com outro homem (Deuteronômio 24:1-2). Mas alguns homens não divorciavam, **alguns casavam com várias mulheres e não se preocupavam com o divórcio, na prática a mulher era rejeitada pelo marido porém segundo a lei ela não possuía o direito de casar com outro homem, porque mesmo rejeitada, ela ainda estava ligada a ele.** As mulheres que sofriam esse tipo de “pena” eram chamadas de “**REPUDIADAS**”, sendo rebaixadas ao status de meras propriedades, escravas, que seriam utilizadas em caso de necessidade.

“Então a mulher pediu:

— Por favor, me dê dessa água [a água da vida]! Assim eu nunca mais terei sede e não precisarei mais vir aqui buscar água.

— Vá chamar o seu marido e volte aqui! — ordenou Jesus.

— Eu não tenho marido! — respondeu a mulher.

Então Jesus disse:

*— Você está certa ao dizer que não tem marido, **pois já teve cinco, e este que você tem agora não é, de fato, seu marido.** Sim, você falou a verdade.*

A mulher respondeu:

— Agora eu sei que o senhor é um profeta!”

(Evangelho de São João 4:15-19)

Fazendo uma exegese do texto, podemos perceber que a mulher teve 5 maridos e 4 destes deram-lhe carta de divórcio, o último dos cinco maridos a repudiou (não assinou carta de divórcio e se juntou a outra mulher). Segundo a lei (tanto samaritana como judaica) a mulher samaritana sendo uma repudiada não poderia casar novamente, mesmo assim a samaritana se une a um sexto homem (que judicialmente não é o seu marido). Mas olhando mais profundamente esta parte do texto, podemos perceber o quanto a mulher samaritana deveria ser uma pessoa extraordinária, uma mulher que atraiu cinco homens a serem seus maridos? A causa dos sucessivos divórcios muito provavelmente não foram causados por algum “desvio de moral” da samaritana, porque se a causa fosse esta, a mulher samaritana não casaria pela segunda vez, muito menos casaria por cinco vezes. Se lermos o texto bíblico completo vamos perceber que a mulher samaritana tem uma personalidade forte para aquela época, ela tem opinião formada, ela questiona teologicamente o homem judeu com que ela falava (Jesus). Uma mulher daquela época questionar teologicamente um homem, ou simplesmente ter uma opinião formada seria uma ofensa gravíssima para um homem. Esta mulher samaritana carrega em si uma história de casamentos consecutivos, causados pela atração que despertava nas pessoas, e ao mesmo tempo um fardo de rejeição profunda, por ser mulher, por ser repudiada, por ser samaritana, por estar em uma camada da sociedade que não deveria ser informada sobre política ou religião. Ela ousa discutir com um homem desconhecido assuntos que era considerados “de importância demais” para ser discutido com uma mulher.

Vejo na mulher Samaritana uma espécie de “pioneira da libertação feminina”. Vejo também em muitas feministas sufragistas do século passado (muitas delas cristãs) a figura da mulher samaritana, sem direitos, sem voz, mas que ousaram a argumentar, ousam

questionar quando o sistema patriarcal dá ordens para ficar calada, o que ainda não mudou muito nos dias de hoje.



Frances Willard (1839-1898)- Cristã, feminista e sufragista. Líder da Woman's Christian Temperance Union.

“Nisto chegaram os discípulos, e ficaram admirados por estar ele a conversar com uma mulher(...)” (Evangelho de São João 4:27)

Mais uma vez os discípulos demonstram com sua admiração ao fato do Senhor estar conversando com uma mulher, o patriarcalismo daquela sociedade onde o evangelho foi pregado por Cristo. Mas Jesus evidentemente não concorda com o sistema patriarcal e

quebra todos estes dilemas em sua vida e em seus ensinamentos. Muitas mulheres seguiam a Cristo, talvez a mais singular delas seria a Apóstola Maria Madalena. Maria Madalena era uma das pessoas mais devotas de Cristo enquanto este ainda estava na terra, sendo ela era umas dos setenta e dois apóstolos e apóstolas de Cristo, a primeira pessoa a quem Jesus apareceu depois de ressurreto segundo a Bíblia .[“Os doze” são os mais conhecidos doze apóstolos de Jesus, ” Os setenta” no cristianismo oriental ou “Os setenta e dois” que são mencionados no Evangelho de São Lucas, são os outros apóstolos e apóstolas que Cristo instituiu posteriormente. Dos Setenta e dois apóstolos e apóstolas, podemos destacar Maria Madalena; João Marcos, o escritor do “evangelho de S. Marcos”; Lucas ” o médico” escrito do “Evangelho de São Lucas”; Timóteo o bispo de Éfeso; Tiago , O irmão sanguíneo de Jesus , escritor da “Carta de São Tiago” e bispo de Jerusalém; Barnabé e outras mulheres como Priscila (uma das pessoas que possivelmente escreveu a ” Carta aos Hebreus”e grande missionária do evangelho em Roma) e Júnia (citada em Romanos 16:7)]

“Saudações a Andrônico e à irmã Júnia, meus patrícios judeus, que estiveram comigo na prisão. Eles são apóstolos bem conhecidos e se tornaram cristãos antes de mim” (Aos Romanos 16:7)

Embora entre “Os doze” não haviam mulheres, é incontestável que entre “Os setenta” existissem mulheres devotas de Jesus Cristo. Também é incontestável de que Jesus respeitava, quebrando todo o conceito machista e arcaico da sociedade daquela sociedade, colocando num nível social e de respeito, dignidade e valor iguais aos homens. É assustador ver como a “**RELIGIÃO DE JESUS**” pregava a igualdade e condenava a opressão e como a “**A RELIGIÃO SOBRE JESUS**” dos dias de hoje, muitas vezes prega o machismo, a diminuição da mulher. Em muitas igrejas as mulheres são proibidas de pregar, de serem pastoras/bispas ou diaconisas. Mas a verdade é que o verdadeiro evangelho de Cristo é o amor de Deus sobre todas as pessoas, independente do seu gênero. Cristo agiu corajosamente contra o preconceito racial na conversa com a mulher samaritana e na parábola do Bom Samaritano, e também agiu contra o machismo no episódio da samaritana e da mulher adúltera (que em outra oportunidade pretendo abordar). O Espírito da verdade convoca a igreja a se posicionar profeticamente contra o machismo, contra a desigualdade, contra a violência e contra o preconceito. Nos convoca para agirmos profeticamente na sociedade contra o sistema que objetifica sexualmente as mulheres como meras propriedades ou consumo sexual. Nos convoca para agirmos contra qualquer tipo de racismo, intolerância, fundamentalismo ou violência. O evangelho nos chama a proclamar o Reino, O amor universal do Pai Universal, a irmandade de todos os homens e a proclamação da mensagem de Cristo o Príncipe da Paz.

“Deste modo não existe diferença entre Judeus e gregos, entre escravos e livres, entre homens e mulheres: todos vocês são iguais em Cristo Jesus” (Aos Gálatas 3:28)

Concluindo, oro e milito para que a desigualdade social seja erradicada do mundo. Oro em interseção por todas as mulheres que sofrem machismo e violência doméstica. Oro e milito para que este mundo seja um dia um mundo de justiça e paz, como o Reino que Cristo pregava. Oro para que o machismo e o preconceito nas igrejas e instituições religiosas seja totalmente substituído pelo amor Ágape. Oro a Deus, Mãe de Sabedoria e Pai de amor, para que nos de sempre o combustível para agir profeticamente na sociedade contra os males deste mundo. Amém. Em Cristo.

Referência do Anexo:

Hinologia Cristã – Anexo I.

< <http://www.hinologia.org/cecilia-siqueira/> Acesso em 31/05/2017 >

Evangelho Social - Anexo II.

<<https://oevangelhosocial.wordpress.com/2016/04/16/jesus-o-primeiro-pro-feminista-da-historia-judaica-cristo-e-a-mulher-samaritana/> Acesso em 31/05/2017 >